

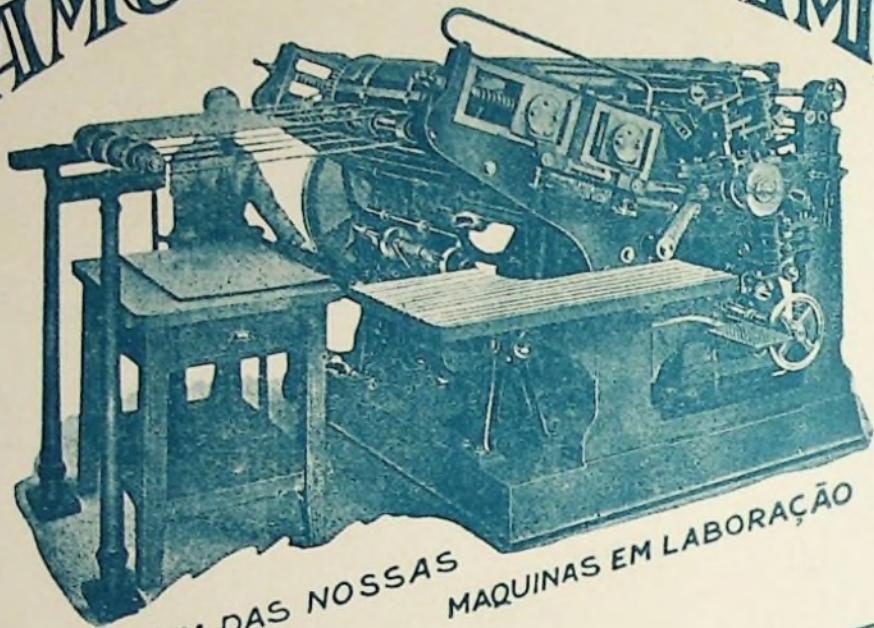
CONSERVAS

REVISTA MENSAL DA INDÚSTRIA PORTUGUESA DE CONSERVAS
(FUNDADA PELOS INDUSTRIAIS DE MATOZINHOS)

ANO II ◊◊◊◊◊ N.º 22
MATOZINHOS
OUTUBRO-1937



AMORIM & AMORIM, L^{DA}



UMA DAS NOSSAS MAQUINAS EM LABORAÇÃO

LITOGRAFIA EM FOLHA DE FLANDRES

FABRICA DE LATAS

Avenida Menéres, 542

MATOZINHOS

Telefone, 329-M



**ATUM
RAMIREZ**

Senhora:
defenda a saude
dos seus. Compre
bons produtos.



GASPAR CARMO & IRMÃO
R. BONJARDIM, 524 1.^o
PORTO - TELÉF. 660

POR GROSSO:
RAMIREZ & C. L.
R. AUGUSTA, 27 2.^o
LISBOA - TELÉF. 2 5626

Sociedade de Conservas A Universal, L.^{da}

USINE SUR LIEU DE PÊCHE

Produits de Choix



TELEPHONE, 98-M
TELEGRAMAS: UNIVER SAL



L' Universelle
Zélia
Rosália

FABRICANTE
DAS MARCAS



Mindelo
Orbéla
Atraente



Matozinhos

Rua do Bural, 24 - 70
Rua dos Camachos

Portugal

J. WIMMER & Co.

Est. 1864

Agentes de Fabricante estrangeiros de

Fôlha de Flandres
Chumbo — Óleo de
Amendoim da firma
T. Duyvis da Holanda

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 18-2.

TELEFONE 2280 — TELEGRAMAS WIMMERC

PORTO

Alves da Silva, Irmão, L.^{da}

Negociantes de sal graúdo e miúdo

Representantes depositarios em Matosinhos: Da Fábrica de

borracha, Luso-
Belga, de anilhas de borracha para tampos de cheio.
De diversos exportadores de conservas, de Lisboa.
De acreditadas marcas de azeites e oleos para a Industria
de conservas.

Compram: Retalhos de fôlha de Flandres e
Oleos de peixe, aos melhores preços

Chaves: Para abrir latas *Comissões e Consignações*

332, Av. Serpa Pinto, 338—MATOZINHOS—Telef. 89

Fábrica de serração, caixotaria, carpintaria e

Serralharia Mecânica

Fabricação de Latas para todos os produtos

ALMEIDA & FREITAS, L.^{DA}

Vale de Cambra PORTUGAL

POLVO DE CALDEIRADA-LULAS DE CALDEIRADA

SARDINHA DO ALGARVE, L.^{DA}

CONSERVAS DE PEIXE EM AZEITE, TOMATE E SALMOURA

TELEG. SARDINHA

OLHÃO

TELEF. 25

Marca recomendada **Margarete**

SARDINHAS EM AZEITE PURO DE OLIVEIRA

FILETES DE PEIXE AROMATIZADOS-SARDINHAS EM LIMÃO

SARDINHAS DE CALDEIRADA

SARDINHAS À PORTUGUESA

Ernoul de la Provoté Père et Fils

CONSERVES

USINES

Póvoa de Varzim

PORTUGAL

ELGROVE-Pontevedra

ESPAÑA

Siège — **CHATEAUBRIANT**

(Loire Inférieure)

FRANÇA

A. SPRATLEY DA SILVA & F.^o

EST. 1905

AGENTES DE FABRICANTES
ESTRANGEIROS

DE
F O L H A
DE
FLANDRES

**Estanho e outros artigos para a
INDUSTRIA DE CONSERVAS**

— **P O R T O** —

Telefone, 2309 - Telegramas, RELOM

FABRICAS DE CONSERVAS

DE PESCADO PELO SAL
SALAZONES E ANCHOVADOS

JUAN PÉREZ LAFUENTE

SIÉGE:

Vila Nueva de Arosa

Pontevedra - Espanha

SUCCURSALE:

Matozinhos - Portugal

R. Brito e Cunha, 653

Tèlèg. adresse:

JUPERLA } Vila Nueva de Arosa - Espanha
Matozinhos - Portugal

MARQUES DEPOSEES:

JULIA-SANCHO

VIRGILIO LORY

O maior produtor de Atum em Portugal

MARCAS REGISTRADAS:

**CLITA
VESUVIO
CADICE
SELECTA**

13, Praça dos Restauradores
LISBOA

Endereço Telegráfico:
VYROL-LISBOA

Succursais:
**ANGRA DO HEROISMO
PONTA DELGADA**

Des excellentes conserves sont celles de la

Rue Sousa Aroso
Rue Guerra Junqueiro



Téléph. 357-M
Adresse télégraphique:
« Conserveira »
MATOSINHOS



Hors d'œuvre Sans "Sagrália" pas complet

Sardines exquisés...
quelques marques célèbres

"SAGRÁLIA" "TORRES"
"MARIAZINHA" "SALVE"
"JOSIRES" "ONDINA"
"BALIO" "MINHO"

ADRESSE:

Empresa de Pesca e Conservas
"SAGRADA FAMILIA"
Mr. JOSÉ DA SILVA TORRES
RUA GUERRA JUNQUEIRO N.º 356
MATOSINHOS (Portugal)

DIAS, ARAUJO & C.^A, L.^{DA}

◆ MATOZINHOS - Portugal

NOUS NOUS OCCUPONS ÉCLUSIVEMENT
DE LA FABRICATION
DE SARDINES À L'HUILE ET À LA TOMATE



Notre Marque: "SARDINAL"

EST DEPUIS LONGTEMPS TRÈS CHERCHÉE SUR TOUS
LES MARCHÉS EUROPEENS.

QZEBRE

& C.^A, L.^{DA}

CONSERVAS

FABRICA DE CONSERVAS

MARCAS:

Vencedor-Sardincas
Safra-Casebre
Independencia
e Venevici

A INDEPENDENCIA

Matozinhos

Telef. 51

"CASEBRE" BRAND

PYROSTAMPA

MODERNO SISTEMA DE MARCAÇÃO DE EMBALAGENS

Aplica-se facilmente em madeira ou pano, reproduzindo de uma só operação os mais delicados desenhos e em todas as cores desejadas.

Exportadores que já adoptam a "PYROSTAMPA"

LISBOA

Aguir & Melo, L.da
Araujo & Bastos, L.da
Emp. Ind. de Conservas POKER, L.da
Henrique Barbosa & C.a
La Paloma, L.da
União Industrial, L.da
Victor Guedes & C.a

PORTO

Amorim, Lage, L.da
Compa. Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro
Moínhos Reunidos, L.da

MATOZINHOS

Cazebre & C.a, L.da
Continental, Soc. de Conservas, L.da
Dias, Araujo & C.a, L.da
José da Silva Torres
Lage, Ferreira & C.a, L.da
Lopes, Coelho Dias & C.a, L.da
Lopes da Cruz & C.a, L.da
Pinhais & C.a, L.da
Rebola & C.a, L.da
Serrats & Luças, L.da

V. FRANCA DE XIRA

Carlos Barbosa & C.a

S. MIGUEL (AÇORES)

Junta Nacional de Frutas

ILHA DA MADEIRA

Dantas & Ferraz, L.da

Pedidos a:

A PYROSTAMPA, L.^{DA}

Rua de Camões, 250 — PORTO

Agente no Sul:

Alberto Soares Ribeiro

Rua Aures, 100 — LISBOA





Si vous aimez les bonnes sardines, demandez
les marques

FACCOLE -- NECO -- 87 -- TITA
FACCOLE **FÁBRICA DE CONSERVAS LEIXÕES, L.^{DA}**

Rua Guerra Junqueiro, 609 — MATOZINHOS
(PORTUGAL)

CONSERVAS PRADO, L.^{DA}

Usine de sardines à l'huile et à la tomate

Marques déposées :

Prado
Faina
Barbosa
Farnel
Merenda
Box



R. Guerra Junqueiro, 359
Matosinhos
PORTUGAL

8 8 8
Téléph. 327-M
Télégr. PRADO
Boite postale N.° 27



Sardines délicieux à l'huile d'olive pure

ENDERECO
TELEGRAFICO
ESPECIAL
TELEF. 107
RUAS: CONSELHEIRO COSTA BRAGA
D'AFONSO CORDEIRO
MATOZINHOS PORTUGAL

MARQUES DEPOSÉES

31—ESPECIAL—MADONNA—PADRÃO-BRAND—ATÉQUI—GRASSE

CONSERVAS

PREÇOS DE ASSINATURA
Portugal e Espanha—um ano — 30\$00
Outros Países — 40\$00
Número Avulso 1\$00

PROPRIEDADE DOS INDUSTRIAIS DE MATOZINHOS

Redacção e Administração: Avenida Menéres, 511—MATOZINHOS

ANO II OUTUBRO 1937 N.º 22

Conselho de direcção

José A. Mora
Ernâni Gomes
Joaquim Maia

DELEGADO NO SUL:

GUILHERME FARIA

Rua Gama Braga, 18

SETÚBAL

COMPOSTA E IMPRESSA NA Tipografia LEIXÕES — R. BRITO CAPELO, 335 — MATOZINHOS

EDITOR — A. C. da Silva

PRIX DES ABONNEMENTS:

Une page entière	Esc. 200\$00	par inser- tion
La 1/2 page	> 125\$00	
Le 1/4 »	> 75\$00	
Le 1/8 »	> 50\$00	

ALERTA ESTÁ!

COMENTARIOS INGÉNUOS

A carta do Snr. Presidente do Grémio dos Exportadores de Conservas diz-nos que não há motivo para o nosso «Grito de Alarme»; diz-nos ainda

que na próxima Assembleia tratarão dos preços mínimos, e reconhece a mesma carta que as infracções do preço mínimo continuam a praticar-se desassombadamente, considerando improficuas todas as medidas que se tomem.

Quando se reconhece que o delito já é praticado, oportuno seria levar ao I. P. C. P. uma lista de delinquentes e exigir-lhe a aplicação rigorosa da lei, ou ajudar o I. P. C. P. a fortalecer a sua acção directa procurando impedir que o preço mínimo seja desvirtuado.

A «Voz de Alarme» foi oportuníssima. Dá ao I. P. C. P. o direito de tomar medidas rigorosas para que se cumpram as suas ordens; obriga-o a impôr respeito pelas suas instruções com castigos exemplares de dâa a quem doer.

Na sua próxima Assembleia os exportadores vão tratar do preço mínimo, procurando conseguir a sua abolição. Melhor fôra que nessa Assembleia, levando as mãos ao coração antes de têr de as levar à cabeça, fizessem exame de consciência e, contrictos de suas numerosas faltas, condescendessem na emenda.

A nossa Revista procura sêr o veículo do clamor geral de todos os centros bem que, por méras razões de residência, esteja mais em contacto com o do Norte. Os nossos comentários são ingénuos porque todos sabemos quem são os delinquentes e quem pretende desorganisar o que está organizado; todos nós os conhecemos a ponto de podermos dizer: são A B C, etc. os que, por meio de «retorno», nos impedem a nós, fieis cumpridores do dever, de collocarmos as nossas mercadorias. Tão escandaloso e repetido é o facto delituoso, que os nomes dançam nos mercados

Sumário:

	Pág.
Alerta Está	1
A Questão do Preço Mínimo	3
Carta Aberta—João Naughton	9
«Conservas» em Setúbal—Guilherme Faria	12
Sugestões—José A. Mora	15
Variedades	16
«Conservas» em Setúbal—G. Faria	20
Rosas e Espinhos—Andorinha	23

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores

Visada pela Comissão de Censura

e se fala dêste exportador e de aquêl fabri-
cante com toda a franqueza e descarro.

O Grémio dos Exportadores procederá mal
discutindo a eliminação do preço mínimo, e
procederá bem, merecendo o nosso aplauso, se
se ocupar de esclarecer quem são os infractores,
estejam êles no seu seio ou no dos produtores.
Esta seria uma obra meritoria, digna, contri-
buindo para levantar o véu que nos ofusca.

O que todos devíamos procurar, para bem
de todos, era promover o maior prestígio do
I. P. C. P. Nestas coisas de interêsse comum,
o que é preciso é chegar ao puro e simples acto
de disciplina que consiste em não prevaricar,
em respeitar, em cumprir o que está dispôsto
para bem da colectividade, e em não escarnecer
do corporativismo que conseguiu organizar-nos
para proveito nosso. Numa palavra, basta
que se seja comerciante digno de tal título.

O exportador deve procurar o seu lucro
dentro dos limites legais e não coagir o produtor
com ofertas á margem do que é consentido.
Esta é uma afirmação e não um comentário.

A ruina dos industriais deve ser causada
por motivos justificados e nunca deve ser pro-
vocada por aquêles que compram as suas mer-
cadorias—Nas anarquias ninguem tem a sua
fortuna segura.

A baixa imediata de um produto há-de
corresponder a factos evidentes na economia
e finança, e não ao revolto mar da especulação
viciada pela indisciplina e pelo desdem.

A voz da consciência fará sem dúvida bom
serviço em todas as reuniões, porque o que há
que corrigir não é senão a imoralidade comer-
cial. O commercio é uma coisa séria, de homens
conscientes, e não de ciganos.

¿Como é que se consegue evitar a desordem
que certos comerciantes produzem nos mer-
cados?

Muito simplesmente: applicando a lei.

Praticando pura justiça.

Encorporando no I. P. C. P. um corpo po-
licial que actue sem morosidade.

Participando todos ao I. P. C. P. onde
estão e quem são os delinquentes, e exigindo
do organismo director só justiça, não mais que

justiça, mas justiça pura sem pusilanimi-
dades.

O preço mínimo é considerado como um
mínimum prudencial de lucro para o que
produz. A liberdade de preço é o primeiro
passo para a hecatombe.

A nossa campanha irá tão longe como
queiram os infractores.

Queremos servir o interêsse colectivo, a or-
ganisação e a ordem.

Principiamos pois neste número.

O nosso Alerta Está! não pode ser mais
claro.

A Evolução das Relações

Comerciais entre

Portugal e a França

O ilustre economista Sr. Dr. Nuno Simões,
antigo ministro do Comércio, e incansável inves-
tigador de todos os problemas comerciais, publicou
no II volume da Colectânea de Propaganda
Económica Portuguêsa, editada pela Revista
«Portugal Exportador», interessantíssimas «Notas»
sôbre a Evolução das Relações Comerciais entre
Portugal e a França desde os fins do século XVIII
até aos nossos dias.

Essas «Notas» que constituem um notável e
curiosíssimo documentário cronológico estatístico
do intercâmbio comercial luso-franco desde 1796,
foram agora reunidas em separata editada pelo
nosso prezado amigo Sr. Joaquim A. Mathias
Neto, prestigioso director da citada revista «Por-
tugal Exportador».

Ao ilustre autôr agradecemos a gentilêsa da
oferta de um exemplar dessa separata, que nos
proporciona excelentes subsídios para os elementos
estatísticos que freqüentemente precisamos de
consultar para os nossos modestos estudos.



A Questão do Preço Mínimo

Falam os Industriais de Matozinhos

Questionário

- (1) ?O que pensa V. da pretendida abolição do preço mínimo?
- (2) ?Quais seriam, a seu ver, as consequências do regresso à liberdade dos preços?
- (3) ?V. acha que os comerciantes-não-produtores têm direito a intrometer-se na fixação de preços?
- (4) ?Pode sugerir-nos algum meio eficaz de se fazer respeitar o «preço mínimo»?
- (5) ?V. julga que o I. P. C. P. está aplicando com justiça o dispôsto contra os defraudadores?
- (6) ?Como classifica V. os individuos que vêm a Matozinhos propôr negócios fóra do acôrdo da disposições regulamentares?
- (7) ?Que faria V. se estivesse em sua mão o reprimir os maus comerciantes?
- (8) ?Não acha V. que a cobardia dos que escondem os nomes dos defraudadores pode levar-nos ao caos?
- (9) ?V. sabe que quando o exportador encontra quem lhe dê mais de 12^o/0, devolve a diferença ao comprador, desorganizando assim os mercados?
- (10) ?Não está V. absolutamente convencido de que quando se dá o desconto de 12^o/0 aos exportadores, se dá o máximo possível?
- (11) ?Que noticias nos pode V. dar sobre o «preço mínimo» através dos seus agentes?
- (12) ?Parece-lhe bem que «Conservas» dê franca batalha aos maus comerciantes e fabricantes prevaricadores, e que, ao fazê-lo, cumpra uma das principais missões da sua fundação?

Fiel ao lême que lhe deu existencia — defêsa da indústria portuguesa de Conservas — esta revista procura, no melhor do seu esforço, cumprir a sua missão. Sendo o preço mínimo, superiormente estabelecido com o consenso geral da indústria, uma conquista que nos parece digna de ser mantida e acarinhada, «Conservas» apresta-se para a defender, não com as «unhas e dentes» dos facciosos, mas com o sincero calôr dos bem intencionados. Tendo lançado o brado de alerta!, que ecoou por êste país fóra com o clamor que se apercebe através a leitura das nossas páginas, procuramos agora reunir em redor do nosso estandarte os companheiros de pugna, aquêles a quem o pleito interessa mais directamente — os industriais de Conservas.

Na esperança de que por esta forma contribuiremos para a solução de um problema tão grave, dirigimos aos industriais de Matozinhos o questionário que ao lado transcrevemos, em cujas respostas claramente se mostra o sentimento dêste importante centro industrial. Oxalá que do conjunto das suas opiniões e alvites depois de convenientemente combinadas no cadinho da prudência e harmoniosa equidade, todos saiam do torneio limpos e reconciliados.

Diz a firma **Lopes, Coelho Dias & C.a, L.da**

1.º—A campanha desenvolvida no sentido de conseguir a abolição do limite mínimo de preços de venda, merece a nossa mais formal e completa reprovação.

2.º—O regresso à liberdade de preços teria como consequência a desorganização dos mercados consumidores, a desorientação da indústria, a ruína de muitos industriais, e uma crise de trabalho que daria origem a graves problêmas de caracter social.

3.º—Os comerciantes não produtores não devem de forma alguma intervir na fixação de preços à produção. A sua colaboração útil exerce-se na tarefa de estabelecer os limites máximos de capacidade de aquisição dos mercados consumidores, quanto a preços e quantidades,

4.º—O estabelecimento do lucro mínimo, e antes de tudo e acima de tudo a nítida compreensão de direitos e deveres por parte dos indus-

triais, escrupulizando na lealdade de processos dentro da família conserveira.

5.º—O Instituto Português de Conservas de Peixe e os Grêmios não podem infelizmente, e em muitos casos, aplicar a justiça que seria merecida, por sentimentalismo de alguns, habilidade de muitos, cumplicidade de bastantes e cobardia de... poucos.

6.º—Maus patriotas, cidadãos indisciplinados, sem respeito pela dignidade e pelo interesse alheios, que não chegam a existir perante o interesse próprio.

7.º—Se tivéssemos provas, aplicar-lhes-íamos todo o rigôr da lei.

8.º—Crêmos que todos deviam ter a coragem de assumir a responsabilidade dos seus actos e palavras.

9.º—Calculamos que assim suceda, o que de resto nunca será confessado, porque constituiria uma infracção às leis e regulamentos. E, não podendo legalmente assim acontecer, temos de con-

cluir que quem recebe mais de 12 % fica com o excesso, o que, além de outras vantagens de ordem material, deve proporcionar o inefável gôso espiritual de uma demonstração clara de que não há forma de acabar com as vítimas do conto do vigário.

10.º—Não pode nem deve dar-se mais de 12 %. É o máximo tolerável.

11.º—Constantemente nos são comunicadas pelos nossos agentes noticias de fraudes cometidas, não chegando nós a compreender que assim precisem de proceder industriais categorizados. De resto, não concebemos que o faça qualquer industrial, e muito menos os que pertencem ao Centro Industrial de Matozinhos.

12.º—Não só achamos bem que "Conservas" abra campanha intensa e persistente contra todos os prevericadores e contra todos os abusos, como damos a essa attitude o nosso mais caloroso aplauso, oferecendo a essa obra meritoria a nossa modesta colaboração. Procedendo assim, "Conservas" cumpre como deve uma das suas obrigações fundamentais.

(ass.) *Lopes, Coelho Dias & C.ª, L.ª*

Diz a firma **Pinhais & C.ª L.ª**:

1.º—Seria uma catástrofe, principalmente para aquêles que vivem do crédito.

2.º—A anarquia seria formidável, pois que todos desejando vender, os preços baixariam fantásticamente.

3.º—Em cada Centro uma entidade compradora e esta a única exportadora, tal qual fazia a extinta União de Conserveiros de Matozinhos.

4.º—Entendemos que este assunto só a nós, produtores, pertence tratar.

5.º—Sabendo de tantas infracções, não temos conhecimento que fôsem applicadas quaisquer sanções das previstas na lei.

6.º—Como inimigos figadais da indústria.

7.º—Aboliamos-lhe os direitos de comerciantes.

8.º—Têmos a certeza absoluta.

9.º—Entendemos sempre que 12 % nunca se deveria ter dado.

10.º—A nossa correspondência obriga-nos a afirmar de que este facto é uma verdade.

11.º—Determinados clientes nossos, de muitos anos, têm diminuído as suas compras, justificando-se que há quem venda mais barato.

12.º—Completamente de acôrdo, porque ao lançar-se a ideia da publicação da revista «**Conservas**» não foi mais do que para termos um porta-voz dos interesses da Indústria Conserveira portuguesa.

(ass.) *Pinhais & C.ª L.ª*

Dizem os **Srs. Lage, Ferreira & C.ª L.ª**:

1.º—Julgamos que ela não deve sequer ser considerada, porque o preço mínimo—a despeito de todas as vicissitudes que lhe apontam—ainda continúa a representar uma imperiosa necessidade da indústria, porque lhe constitue indubitável sustentáculo.

2.º—A liberdade de preços é uma coisa simplesmente desejável. Todavia, nas actuais circunstancias, e dada a volubilidade dos nossos usos, isso seria uma catástrofe de conseqüências verdadeiramente trágicas.

3.º—De modo algum, tanto mais que o comerciante não deve passar dum simples apêndice. Entendemos que só aos industriais compete decidir sobre tal matéria. A criação dum organismo central, com funções meramente comerciais, que coexistisse para a divulgação da conserva portuguesa nos mercados onde ela é quasi desconhecida ou naquêles onde se encontra introduzida por firmas estrangeiras, encarar-se-ia como uma medida sobremodo acertada.

4.º—Quanto a nós, trata-se de assunto deveras delicado e pensamos mesmo que, desde que deixássemos de ter em conta o escrúpulo de cada qual, nada haveria capaz de fechar todas as portas, porque o sentido da fraude sempre espreitou nos «espertos» o exercício da má-fé. Por mais resistentes que sejam as medidas que criteriosamente se tomem, para que surtam completo êxito carecem, indeclinavelmente, de contar com a lealdade dos que a seu cargo têm o acatamento dessas disposições. Nisto, como—afinal—em tudo, o indispensável é estar-se inspirado pelo sentimento da correcção.

5.º—Crêmos que sim e se, porventura, alguma vez se notou qualquer defeito na forma, todavia em substância o trabalho produzido unicamente tem visado a moralizar, e um tal fim só merece louvôres porque, sobre defender estrenuamente a dignidade da indústria, lhe importa paralelamente um acréscimo de prestígio que se regista desvanecidamente. Depois, há que não perder de vista a brandura dos nossos costumes...

6.º—Sômos avêssos a baptismos, pelo que, em conseqüência, fica prejudicado o compadrio que nos propõem.

7.º—Elimináva-os pura e simplesmente.

8.º—Não comungamos dessa opinião porque, felizmente, ainda acreditamos em que a maioria da indústria esteja confiada a pessoas conscientes e responsáveis. No entanto, é de crêr que a hipótese que nos é posta tenha alguns visos de realidade e, neste caso, a solução cominatória que alvitramos no número antecedente teria também feliz applicação nestes delictos.

9.º—Ignoramos se há quem conceda bônus superior ao que está estabelecido, e bem gosta-

riamos até de sabê-lo. Que a desorganização de alguns mercados é um facto, isso não pode sofrer contestação. É por certo que um tal estado de coisas tem fatalmente a sua origem. Imagine-se que no mercado americano já se oferece mercadoria a preços que transgridem a cotação oficial, e casos desta natureza são demasiadamente eloquentes para que iludam a boa-fé mesmo das pessoas mais ingénuas.

10.º—Reputamos o bónus de 12% como acto duma generosidade incomportável pelos riscos próprios da indústria. Bom seria, portanto, que se reflectisse maduramente sôbre êste ponto.

11.º—As dificuldades que êles encontram nos mercados onde se trava uma luta desenfreadamente desleal em matéria de preços, são índice seguro de que há quem prevarique. Recebemos periódicamente informações sôbre lotes que se adquirem a cotações irrisórias e, em resposta, limitamo-nos a significar-lhes a nossa estranhêsa por tais factos. E não entramos noutras considerações para evitarmos que as práticas fraudulentas possam por êles ser julgadas como normas habituais no nosso país. O certo, porém, é que o volume de negócios com alguns agentes tem decrescido sob alegação de que os nossos preços estão altos, não obstante serem regidos pela tabela oficial.

12.º—Muito bem, até mesmo porque o espírito que presidiu à fundação da «**Conservas**» se não inspirou em qualquer senso de ordem literária. Estabelecer rígidos principios, debater problemas de interesse geral, doutrinar sôbre aperfeiçoamentos técnicos e comerciais e, dum modo absoluto, robustecer sob todos os aspectos a organização da indústria nacional das conservas, tais foram os essenciaes fins que se pretenderam atingir com a sua publicação. Logo, «**Conservas**» está cumprindo honestamente a missão que lhe incumbe.

(ass.) *Carlos Pilrão* (pela Gerência)

Diz a «**Conserveira Portuguesa**»:

1.º—Será a ruína da Indústria a abolição dos preços mínimos.

2.º—Um espectáculo como uma operêta que vi em tempos, denominada «Hotel do Livre Câmbio», em que ninguém se entendia, e o descrédito das Conservas portuguesas, pois para se vender barato só se fabricariam porcarias, desculpem-me V. Ex.ª o têrmo.

3.º—Os comerciantes estão no s/papel, com-

prando se lhes convém, e regeitando no caso contrário.

A fixação de preços compete ao Conselho Geral e, antes disso, as Direcções dos Grémios ouviram os s/colegas para terem o apoio dos mesmos.

4.º—Para que o preço mínimo seja respeitado, era preciso que as vendas fôsem feitas por uma entidade única, que já devia estar organizada com o dinheiro dos industriais que fica no Fundo

CARTA A GARCIA

No próximo número publicaremos sob êste título um projecto que nos parece poder resolver a melindrosa questão do preço mínimo. Por êle toda a família conserveira, os seus Grémios e o I. P. C. P. conseguirão manter o preço mínimo sem possibilidade de infracção.

LEIAM NO PRÓXIMO NÚMERO A NOSSA CARTA A GARCIA

do Instituto, o qual era organizado com um capital de Esc. 30.000.000\$00, sendo o que faltasse emprestado pela Caixa Geral de Depósitos, garantido com o que pagamos para o tal Fundo, e feito isto parece-nos estar o assunto resolvido até para muitas outras operações de crédito que muito viria beneficiar os industriais.

5.º—Não podemos pronunciar-nos de uma forma concreta, mas pelo pouco que sabemos, tem havido Industriais que têm apresentado provas irrefutáveis e não são atendidos, isto talvez por o Instituto não ser dirigido por Industriais, pois que se fôsse dirigido por êstes, não haveria agora a lamentar o prejuizo que todos nós temos no azeite.

6.º—Quem compra está no direito de oferecer; o resto é com quem vende, e que muitas vezes quer honrar compromissos tomados.

7.º—Não sei qual o critério que defendem para considerarem maus negociantes os que em vez de comprar por 10, fazem a diligência por comprar por 8. Eu não os posso considerar maus por sempre adoptar o critério: podendo, comprar por 8 em vez de comprar por 10.

8.º—Se podem transformar isto numa anarquia, a culpa não é só deles, isso é muitas vezes resultado da falta de recursos, como já acima digo.

9.º—Se só lhes derem os 12% não têm muita margem para desorganizar os mercados, a não ser que já estejam nêsse propósito.

10.º—Estou absolutamente convencido de que se dá o máximo.

11.º—Temos cartas de Agentes que nos dizem que a Espanha e Marrocos vendem por menos 15 e 20% as suas conservas. Só vemos uma forma de remediar isso para êsses mercados, como Suíça e Bélgica; o Instituto criava uma marca para êsses mercados que querem mercadoria mais barata, a qual seria vendida, talvez, por intermédio dos Grêmios, e seria fabricada por todos os Industriais. E' o que sugiro, à falta de outra sugestão que a Direcção do Grémio entenda.

12.º—Toda a campanha que se faça, deve sempre ser aplaudida por todos os que desejam o prestígio da indústria, e já muito se deve à Revista «**Conservas**» pelo que tem feito em beneficio da indústria.

(ass.) João F. Martins

Diz a **Fabrica de Conservas "Sagrada**

Familia,,:

1.º—Pessima.

2.º—A falência da indústria.

3.º—Não.

4.º—Eliminação dos que cometam fraudes.

5.º—Sim, mas sem resultado.

6.º—Videirinhos,

7.º—Eliminá-los.

8.º—Sim.

9.º—Ignoro, supondo no entanto que sim. É claro que em caso afirmativo ha a contar com a desorganização dos mercados.

10.º—Sim.

11.º—Dificuldade de venda.

12.º—Sim.

(ass.) José da Silva Torres.

Diz o **Snr. J. Serrano Junior** (Fabrica de Conservas ACTIVA)

1.º—Tenho a impressão que a pretendida anulação dos preços mínimos obedece a uma campanha levada a efeito por pessoas que não tendo capitais empregados na indústria, lhes convém a desorganização para à sua sombra realizarem lucros que ultrapassem a medida do razoavel.

2.º—As consequências da liberdade de preços arrastaria à ruína a maior parte dos pequenos industriais e este facto prejudicaria aquêles que,

tendo conseguido a liberdade de preços, breve veriam extintas as fontes da sua actividade.

3.º—Não.

4.º—Limitação da exportação regulada por um sistema de «licenças» a distribuir exclusivamente aos industriais, o que não prejudicaria os «exportadores-não-fabricantes» pelo facto de êstes poderem adquirir, como até aqui, junto dos industriais que tivessem licenças, as conservas de que necessitassem com a margem de lucro até agora estabelecida.

5.º—Ignoro.

6.º—Considero um comerciante que dentro da sua esfera de acção procura sempre comprar o mais barato possivel.

7.º—Tomaria medidas de ordem geral que defendesse de tal modo os industriais que lhes não permitissem conceder maiores bonificações do que as estabelecidas oficialmente.

8.º—E' sempre muito desagradável o papel de denunciante, e muitas pessoas conhecedoras de várias fraudes que mesmo indirectamente sempre trazem prejuízos à colectividade, não tomam essa iniciativa, já porque por vezes pode ferir pessoas amigas, já porque em outros casos não acham simpático êsse papel, embora reconheçam que essa sua attitude só os pode prejudicar.

9.º—Sim.

10.º—Depreende-se que sim para conseguir maior volume de negócios em prejuizo dos importadores e exportadores que não recorrem a esse meio.

11.º—De toda a parte e mesmo apoz as últimas démarches realizadas pelo I. P. C. P. no estrangeiro, verifica-se que o respeito pelo preço mínimo exige que seja seguida uma orientação diferente da que tem estado em prática.

12.º—Sim.

Diz a **Sociedade de Conservas**

«**A Universal**», L.da:

1)—Não temos notado a existência de uma corrente apreciável de opinião a favôr de tal absurdo. Uma ou outra opinião isolada não pode ser tomada a sério.

2)—Regressar do preço mínimo seria a guerra de preços entre os industriais, e é fácil prever que as consequências representariam uma catástrofe: internamente, a limitação e suspensão do crédito, a paralização forçada, a ruína da indústria, o desemprego de milhares e milhares de trabalhadores; externamente o caos.

3)—E' evidente que só aos industriais, pelo seu conhecimento directo do custo da produção, deve competir a fixação de preços.

4)—Não nos parece fácil evitar uma ou outra infracção isolada.

5)—Pela própria dificuldade de constatar as fraudes, é natural que o I. P. C. P. não tenha conseguido apanhar nas malhas maior número de infractores. Contudo, os resultados obtidos no sentido de evitar a generalização das fraudes são muito satisfatórios.

6)—Não nos pode merecer a mínima consideração quem nos propõe negócios dessa natureza.

7)—Não conhecemos medidas mais eficazes que as sanções do I. P. C. P.

8)—Sem dúvida, no caso de se generalizarem as fraudes.

9)—É notório que qualquer diferença acima do desconto máximo se destina ao comprador, desorganizando o mercado.

10)—O desconto de 12% é o máximo possível.

11)—Através da correspondência dos nossos agentes não temos tido notícias a esse respeito.

12)—Damos todo o nosso aplauso à campanha que «**Conservas**» se propõe levar a efeito contra os prevaricadores, em defesa da indústria e no cumprimento do seu programa.

(ass.) *Aurélio Gomes*

Diz a **Fábrica de Conservas «Leixões»:**

1.º—Considero que a supressão do preço mínimo seria um cataclismo para a indústria de conservas. Infelizmente tenho verificado que aquêles que mais directamente são interessados na sua manutenção, tem sido os seus principais coveiros.

2.º—O regresso à liberdade de preços acarretaria consigo, a meu ver, um «gachis» na indústria e comércio de conservas de que difficilmente se sairia e que certamente ocasionaria graves prejuizos.

3.º—Se os produtores não se colocassem na situação em que se tem colocado sempre, nunca os comerciantes não produtores teriam tido ocasião de interferir na fixação de preços.

Dadas as actuais circunstâncias, parece-me bem que não é possível negar-lhes esse direito.

4.º—Enquanto os industriais procederem como têm procedido, creio difficil encontrar forma de fazer respeitar o preço mínimo em absoluto. A crise de carácter é muito grande.

5.º—Acho preferível abster-me de emitir opinião sobre o assunto, pois não o conheço sufficientemente para o poder fazer honestamente.

6.º—A meu vêr os exportadores que propõem negócios a baixo do preço mínimo estabelecido, apenas procuram fazer bons negócios. Prevaricam, é certo. A sua falta é no entanto humana e até certo ponto razoável. Entendo que os principais culpados são os fabricantes que não só aceitam mas até provocam essas ofertas ilegais e criminosas.

7.º—Não sei a quem se pretende chamar

«maus comerciantes». Suponho que é áqueles que tendo um preço mínimo que os defende, procuram infringi-lo. Não me parece fácil reprimir a sua maneira de proceder. Mas, se existem possibilidades de o fazer, faça-se e violentamente.

8.º—Nem sempre é por cobardia que se não diz o que se sabe. É fácil saber-se, mas é difficil poder provar-se. E, mesmo que se prove, que adianta? Dizem-me que há processos que dormem sobre as mezas do Contencioso do I. P. C. P., ha imenso tempo. Outros dormem nas secretarias dos grêmios. É papel gasto inutilmente.

9.º—É possível que haja exportadores que façam reverter em preveito dos seus clientes estrangeiros o aumento de deseonto obtido. Dizem-me que há tambem industriais que dão os 12% unicamente aos clientes. Qualquer das duas coisas desorganiza os mercados; a segunda mais ainda do que a primeira.

10.º—O desconto de 12% consentido para as vendas aos exportadores é perfeitamente razoável. É o limite máximo. Os próprios exportadores são os primeiros a concordar.

11.º—Há mercados em que não conseguimos vender uma só caixa pelo facto das fraudes serem tantas e de tal tamanho que é impossivel trabalhar adentro das boas normas. Com a Bélgica acontece-nos isso.

12.º—«**Conservas**», é lida no estrangeiro. Parece-me que já basta o que os nossos clientes sabem e que não convém que conste nos mercados estrangeiros que se pensa aqui em acabar com o preço mínimo. Se tal noticia chegar a transpirar no estrangeiro, as exportações immediatamente sofrerão.

São assuntos a tratar muito adentro de portas, fazendo o menos barulho possível.

(ass.) *Manuel Ventura Forbes Bessa*

Diz a firma **Brandão & C.ª L.ª da:**

1)—A pior possível. A abolição do preço mínimo não só seria um verdadeiro desastre para a Economia Nacional como tambem a ruína de todos os industriais.

2)—Prejudicado.

3)—Os negociantes não produtores não têm direito a intrometer-se na fixação de preços. Essa função deverá pertencer aos Industriais.

4)—O I. P. C. P. não deveria agir somente após denuncia de haver infracção ao preço mínimo, como geralmente tem feito. Os seus fiscaes deveriam aparecer amiudadas vezes nos escritórios dos industriais e dos exportadores a-fim-de tomarem conhecimento dos negócios feitos e em curso, e no acto da sua inspecção rubricarem toda

a correspondência e documentos que digam respeito a esses negócios. Esta fiscalização evitaria muitas vezes a preparação do arquivo do infractor. Também nos parece que algum resultado daria a proibição de serem eleitos ou escolhidos para qualquer cargo dos Grêmios e do I. P. C. P. os industriais ou exportadores que fôssem punidos por infração ao preço mínimo.

5)—Sim. Estamos convencidos de que o I. P. C. P. só tem feito justiça.

6)—São de censurar aquêles que vêm a Matozinhos propôr negócios abaixo de preço e condições estabelecidas pelo I. P. C. P., porém, mais merecedores de censura e condenação são os industriais, se os há, que aceitam tais propostas.

7)— A êste respeito, perfilhamos inteiramente

a resolução tomada da última reunião do

8)— G. I. C. P. N.

9)—Estamos certos de que o desconto de 12% é o máximo que os industriais podem conceder aos exportadores, e êstes, comprando nestas condições, auferem muitas vezes um lucro superior ao do industrial.

10)—Ignoramos.

11)—Os nossos agentes lamentam que o preço mínimo não seja estritamente respeitado por todos os exportadores, porque se o fôsse, mais facilmente poderiam cumprir a sua missão. A falta de cumprimento do preço mínimo não aumenta a exportação de sardinhas portuguesas, e apenas serve para lançar a confusão nos mercados consumidores, criando a falta de confiança no fornecedor.

12)—Entendemos que uma pertinaz campanha neste sentido é digna de todo o apoio e aplauso, e que «**Conservas**», ao levantá-la, cumpre brilhantemente a principal missão que se impôs: a defesa da Indústria Portuguesa de Conservas de Peixe.

(ass.) *Brandão & C.^a, L.^{da}*

Diz a **Sociedade Industrial de Conservas Matozinhos, Limitada**

É erro supôr-se que podem deixar de existir os preços mínimos, porque não haja quem tal o deseje, mas que felizmente a maioria dos fabricantes e exportadores ainda tem bom senso e sabe mexer com números.

A anulação de tal medida seria a ruína na nossa indústria e disso ninguém dúvida, nem mesmo os que pretendem o regresso à liberdade dos preços. Inutil é encarecer os benefícios e vantagens da existência dos preços mínimos, se bem que as transgressões que se verificam na maior parte dos mercados consumidores, dêem em resultado tornar difícil e quasi impossível a vida industrial dos que são rígidos cumpridores dos seus

deveres e defensores intransigentes do seus interesses.

Parece-nos, pois, que não deve a grande parte dos industriais e exportadores estar sujeita às asneiras dos maus comerciantes, e portanto devem as entidades competentes sêr rigorosas nas penalidades a aplicar a quem, com tam pouca consciência, pretende negociar.

Referentemente aos exportadores que em Matozinhos procuram especular, parece-nos acertado dizer que quem deve receber maior censura é o industrial que vende mais barato do que lhe é consentido.

Se êste cumprisse não com o que está estabelecido mas desejasse defender os seus interesses, deixaria de existir a especulação e todos trabalhariam dentro da legalidade.

Todas estas considerações são motivo mais que suficiente para desejarmos que a Revista **CONSERVAS** abra luta sem desfalecimentos contra todos os transgressores dos preços mínimos, e fazemos os melhores votos porque da sua acção todos os industriais e exportadores cheguem à conclusão de que trabalhando com moralidade melhor futuro terão.

(ass.) *J. Chaves*

Diz a firma **Continental Sociedade de Conservas, L.da:**

1)—Má.

2)—Desorientação completa da indústria e seu aviltamento perante os mercados compradores.

3)—Não.

4)—Regular a produção de harmonia com o consumo.

5)—A inercia da acção do I. P. C. P. sobre êste assunto não fornece elementos suficientes para ajuizar a sua acção.

6)—Considero-os melhor do que os que aceitam negócios fora das condições regulamentares.

7)—

8)—Que leva para mau caminho, leva..

9)—Creio que assim sucederá muitas vezes.

10)—Tudo é possível neste mundo... pelo que só temos de considerar que o desconto foi fixado por quem de direito e depois de ponderados os legítimos interesses de industriais e exportadores.

11)—Que êle é infringido em quasi todos os mercados.

12)—Sim.

(Continua no número seguinte)

Diz a firma **Dias, Araujo & C.a, L.da**

Conhecendo nós o fim que visa o questionário, permitam-nos V.^{as} Ex.^{as} que limitemos a nossa resposta áquilo que entendemos fundamental e útil para que se mantenha íntegro o princípio da manutenção do «prêço mínimo».

O resto importa à disciplina da nossa organização que procurará, como melhor pudér, manter a engrenagem a funcionar apesar dos inevitáveis atrictos.

Há duas classes que vivem em comunhão de interesses: produtores e comerciantes-exportadores que colocam os produtos daquêles. Devem estas duas classes viver em perfeita harmonia. E' assim que devem pensar todos e pelo menos ser defendido pelos bons elementos das duas classes.

Há em qualquer dos campos optimos elementos absolutamente integrados nas boas normas corporativas. São êstes capazes de cooperar na grande obra da organização da produção e venda das conservas à qual o Estado Novo deu vida e cujas directrizes ninguém tem o direito de contrariar porque já todos sentiram os seus benéficos efeitos. Admitir portanto que seja pôsto em tése, se o prêço mínimo deve ou não ser mantido, é já contrariar a base fundamental da nossa organização. E, se são elementos estranhos aos produtores os que preconizam ou pedem a liberdade de prêços, isto basta para que a tése seja posta de parte porque é assunto que só aos produtores incumbe estudar e vigiar para que uma técnica, cada vez mais perfeita, consiga reduzir cada vez mais as possibilidades de fraude. Os maus elementos que num e noutra campo existem serão cada dia mais inofensivos quanto melhor fôr o entendimento entre os bons elementos que felizmente possuem as duas classes.

Temos o nosso organismo central o Instituto Português de Conservas de Peixe, cuja Direcção está confiada por lei a pessoas que não tenham interêsses nem na indústria nem no comércio de Conservas. E' uma teoria defensável e quem a defendeu e pôz em prática fê-lo convencido de que assim produziria melhor trabalho, trabalho mais independente do que se a Direcção fôsse constituída por industriais ou exportadores de Conservas.

Dá a lei a esta Direcção leiga, chamêmos-lhe assim, uma assistência técnica, o seu «Conselho Geral», do qual fazem parte os presidentes dos cinco grêmios dos fabricantes dos vários centros conserveiros do paiz e o presidente do grémio dos exportadores. Teóricamente parece perfeito e é bem intencionada a fórmula. Na prática porém parece demonstrar-se que os membros do Conselho Geral não podem, dentro da orgânica actual, dar uma orientação precisa à entidade que tem por fim coordenar, prever e actuar. Em nossa opinião, a Direcção do I. P. C. P. resente-se da

falta de cooperação diaria dêsses técnicos. Os assuntos são variadissimos e o seu estudo não pode ser feito no tempo sempre pouco, que duram as sessões dêsse concelho, por mais prolongadas e extenuantes que elas sejam, e são assim quasi sempre.

E' precisa a tranquilidade do gabinete de trabalho, muito tempo gasto em ponderar as consequências das medidas a por em prática, e só assim poderemos chegar a uma obra menos imperfeita.

E' preciso tambem que ás Direcções dos Grêmios que trabalham no estudo dos problemas de interesse local ou geral, os industriais prestem aquela assistência e cooperação de que elas não podem prescindir para melhor se desempenharem da missão que lhes confiamos livremente por eleição.

As elites de facto não abundam e deste defeito ninguém tem culpa, mas sejâmos optimistas, a organização ha-de melhorar apesar dessa ferrugem que o tempo, em vez de a aumentar, ha-de acabar por diminuir. Nêstes termos, não nos interessa armar o gládio na imprensa contra os maus industriais ou maus negociantes exportadores. Interessa-nos mais cooperar, dentro dos nossos limitadissimos recursos para reunir os bons, os bem intencionados, desabafar em família procurando melhorar aqueles por forma a produzir obra cada vez mais perfeita. Já acabou o tempo de ensinar a palmatória. A pedagogia moderna adopta outros processos que devemos aproveitar. Ensinar, persuadir e educar dando bom exemplo. Nós não o julgamos impossível. E' apenas difícil porque é preciso que todos trabalhem, e muito.

Matozinhos, 21/10/937

¿ Inconsciência ?

«Conservas», sempre àlerta no que respeita aos interêsses da sua indústria, lançou no seu penúltimo número um grito de alarme acerca de um boato que está tomando fóros de cidade e que se relaciona com o prêço mínimo.

Há um certo sector da nossa indústria que, desde o primeiro dia da sua promulgação, não vê com bons olhos o limite mínimo de prêço nas nossas conservas. Esta disposição instituída pelo nosso organismo superior, foi a medida mais benéfica que se tem adoptado e que todos ambicionavam, pois, com a liberdade de prêços, as coisas corriam de mal a pior, mercê da ganância que certos elementos sempre têm manifestado,

conduzindo tão importante indústria ao limiar de uma decadência para muitos quasi irreparável.

Esse boato, que muitas pessoas supunham não passar de tal, confirmou-se em autêntica realidade com a «carta-desmentido» do Grémio dos Exportadores publicada no passado número desta revista.

A referida carta é um documento da mais alta importância e que vai ter, disso temos absoluta certeza, o condão de matar ao nascer um desejo pouco digno e que nada se coaduna com a situação presente, sob os seus diversos aspectos industrial, social e nacional. A prosperidade e a economia da nação a isso se oporiam.

Nos fastos da nossa indústria isto jámais passará, para os exportadores, de um sonho fagueiro que êles alimentaram durante algumas semanas, e para os industriais, de um enorme pesadêlo que os fará despertar para uma maior e leal cooperação na ânsia de se precaverem, no futuro, contra outras possíveis e talvez piores tentativas.

A campanha dissolvente está espalhada de norte a sul do país e é quasi certo que alguns industriais já talvez lhe tenham sentido as suas ruins influências. Mas, apesar disso, ainda haverá alguns cegos que se deixam embalar no enganoso canto da sereia.

Não pode ser! A supressão do preço mínimo traria catastróficas conseqüências.

A primeira delas refletir-se-ia imediatamente no crédito de que justamente goza o I. P. C. P., ficando completamente inibido de qualquer operação financeira que amanhã lhe fôsse necessário efectuar com os conhecimentos de depósito que tem em carteira, pois, ipso facto, passavam a não oferecer a menor garantia; por sua vez os industriais não poderiam contar, como até aqui, em recorrer nas suas necessidades ao Instituto, pois não havendo preço mínimo estabelecido, aquêle também não iria adiantar capitais sobre um objecto ou mercadoria de valôr mais que hipotético, que estava à mercê do capricho dos es-

peculadores. Terão, por acaso, êsses industriais pensado já nisto?

Mas o mais grave, de conseqüências imediatas, seria a mercadoria que todos têm lá fora, em maior ou menor quantidade, por vender, cujo papel os bancos descontaram e passariam desde logo a exigir o seu reembolso. Nesta altura, então, e o Instituto inibido de nos valer, a derrocada e a miséria seriam infalíveis para muitos industriais e para milhares de pessoas que vivem do seu honesto trabalho nesta indústria.

Se nesta criminosa campanha para a abolição do preço mínimo não predomina uma forte dose de estupidez, haverá, então, uma coisa muito pior, que é a *inconsciência!*

Sardinheiro



Endereço teleg.: LUÇAS
 Telefone, 118-M
 Apartado n.º 6



Códigos } Ribeiro
 ABC 6.ª Ed.
 Particular

Joaquim Ferreira Pedro Luças & Filhos

spécialité en sardines pressées et anchoix en saumure

Marques déposés:

LUÇAS
MARICIA



MATOZINHOS
 Portugal

A VULCANO

• SERRALHARIA MECANICA •

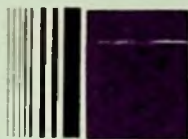
ARNALDO RODRIGUES PEREIRA

RUA ROBERTO IVENS, 320
RUA DR. JOSÉ VENTURA, 189



MATOZINHOS
PORTUGAL

Especialidade em
máquinas e ferramentas
para a
Indústria de Conservas



TELEFONE. 97-M

A SOCIAL

Capital Esc. 500.000\$00

COMPANHIA PORTUGUESA DE SEGUROS

S. A. R. L.

SEDE:—Rua de Cândido dos Reis, 42

PORTO—(Palácio Conde de Vizela)

Postos de Socorros:

PORTO — Rua de Cândido dos Reis, 42

GAIA — Rua de Cândido dos Reis, 191-193

MATOZINHOS — Rua de Roberto Ivens, 429

Preferida pela organização
da sua assistência para os

Seguros contra desastres no trabalho

Fábrica de Conserves "A BOA NOVA"

Maison fondée en 1820

José Rodrigues Serrano

237, Rua Conselheiro

Costa Braga, 299

Tél. 99-M—Télegr. RESSANO

MATOZINHOS
(PORTUGAL)

Établissement Modern
Installations modèles présentant
toutes garanties d'hygiène

SES MARQUES:

Serrano
Boa Nova
Alster
Idéal
Alta Classe
Orgueil

*Les Sardines Portugaises les
plus recherchées*

*De fabrication soignée et choisie,
leur qualités ont acquis la
préférence du Monde entier.*



FABRICA DE CONSERVAS

NUN'ÁLVARES

MATOZINHOS E VILA DO CONDE



LAGEE
CIDADE
NUNAL

CONDESTÁVEL
CADEAU

& C., Lda

Lisboa, 4 de Outubro de 1937

Ex.^{mo} Sr.

Sôbre o palpitante assunto «Prêços Mínimos», levantou «Voz de Alarme» a magnífica Revista «Conservas» no seu número de Agosto. Nêste número de Setembro lança V. Ex.^a um atroador «Brado de Alerta» com exclamações de «indignado protesto e de comovida revolta» contra a «campanha criminosa» que parte de um exportador ou de um grupo de exportadores, etc. Tomou V. Ex.^a a núvem por Juno...

Campanha—entendo eu—é uma acção pertinaz, constante, seguida, que aproveita todos os meios para chegar a determinado fim.

No assunto em questão pode haver um ponto de vista, uma opinião ou opiniões, que se não impõem, que podem ser erradas, que podem ser combatidas, mas que todos teem o direito de ter.

E essas opiniões afinal justificam-se.

Se V. Ex.^a é um paladino do preço mínimo, eu também o fui. E não fica em palavras a minha afirmação, porque públicamente e até mesmo na imprensa eu vinquei essa questão do preço mínimo como sendo um dos mais importantes e salutareos princípios da lei que criou o Organismo das Conservas.

No entanto se V. Ex.^a me perguntar hoje se eu acredito no preço mínimo, ou se estou de acôrdo com êle, eu respondo-lhe francamente que não.

Mas se V. Ex.^a me perguntar se se deve acabar de pronto com êsse preço mínimo, eu respondo-lhe também categòricamente que não!

Paradoxo, contrasenso?... Não. E' que estamos todos metidos num circulo vicioso de onde não conseguimos sair.

E o preço mínimo não é mais do que o «Cabrion» de todos os que trabalham as conservas.

O preço mínimo seria ótimo, seria um verdadeiro equilibrio, se todos fôssemos honestos. Seria a maneira de trabalharmos sossegadamente, sabendo o que ganhavamos, se não existisse essa «deslealdade» a que V. Ex.^a tão bem se refere.

Mas, infelizmente, o preço mínimo tornou-se uma vantagem formidável para aquêles que o falseiam, e pode dizer-se que um descabro para aquêles que o cumprem.

Dê-se V. Ex.^a ao incômodo de fazer uma viagem no estrangeiro. Não precisa ir muito longe, e basta visitar os mais próximos países compradores das nossas conservas.

Tente obter encomendas ou colocar alguns lotes, e faça depois um relatório dessa viagem. E é mais do que provável, porque é certo, que nêsse relatório já V. Ex.^a faça mais justiça aquêles a que chama «especuladores»...

Carta Aberta

À Ex.^{mo} Sr.

Dr. Fernando Matos

E tambem é mais do que provável que perca muito das suas crenças...

O erro maior de todos, a meu vêr, foi o aumento que por duas vezes se fez últimamente no preço mínimo. Em lugar de se manter o preço base, começou-se a correr adiante dos preços. Se o intento fôsse de continuar a deixar o campo aberto aquêles que falseiam os preços, não se teria feito melhor trabalho. E todos nós—se Deus para isso nos dê vida—veremos o resultado dessa determinação.

Suponha V. Ex.^a—simples hipótese ou até mesmo sônho—que dentro de alguns meses o azeite baixa 30 ou 40%. Que os materiais também baixam; tudo pode acontecer. Suponha até mesmo que há peixe em todos os centros. Que os industriais todos, mais ou menos, constituem stocks de conservas. Que se pode vender a 21 shillings o que hoje se vende a 23 shillings, e talvez até ganhando mais do que agora se ganha.

Qual seria neste caso a solução do problema?...

Baixar o preço mínimo?... Mas se se baixa o preço, mesmo que seja apenas 1 shilling, temos de seguida o retraimento dos mercados compradores que, perante uma baixa de preços, ficam no receio ou na esperança de que essa baixa se accentue.

Manter-se o preço actual? Creio que a lógica dos factos o aconselharia. Mas lá fica ainda mais vasto o espaço para o falseamento dos preços campear livremente.

E cá estamos nós, de novo, dentro do tal circulo vicioso.

Mas pense V. Ex.^a se se tivésse mantido o preço base...

Antigamente contavam-se umas histórias de lobishomens e de bruxas, que de noite vinham sugar o sangue dos meninos pequeninos...

Parece que essas histórias se podem contar agora, substituindo as bruxas e os meninos pelos exportadores e industriais.

Ora adeus!...

Sr. Dr. Fernando de Matos: V. Ex.^a é uma pessoa inteligente e culta. Releve-me pois que lhe diga que não tem o direito de ser daquêles que extremam campos, que constroem trincheiras, a fusilar interêsses que afinal são mútuos.

Na minha já longínqua acção dentro do Organismo das Conservas, o meu mais persistente trabalho foi sempre o de congraçar os elementos industriais com os elementos exportadores numa coordenação de esforços e interesses comuns. Lembra-me até uma afirmação que fiz, que, em defêsa dos interesses da Indústria, eu abdicaria não só da minha então qualidade de representante dos exportadores como da minha própria qualidade de exportador.

Essa afirmação a faria sempre e onde fosse necessario. E como não a fazer, se eu sou uma resultante dessa Industria?

Mas o que não pode ser é este extremar de campos, em atitudes agressivas, que não teem justificação alguma. E V. Ex.^a o está a vêr neste caso em que, mais uma vez lh'o afirmo, tomou a núvem por Juno.

E isto de "especuladores", de "criminosos" etc. é uma coisa que deve acabar para decôro de nós todos.

Há ainda um ponto do artigo de V. Ex.^a a que não quero deixar de referir-me, nesta minha carta particular e de minha única e exclusiva responsabilidade.

Diz V. Ex.^a que os exportadores não teem encargos de industria, que não correm riscos de fabricação, etc. etc. etc.

Mas correm outros riscos, e eu pergunto a mim mesmo se para muitos industriais, sem preparação para exportar os seus productos, preparação que se não improvisa, não será mais comodo vender aqui esses productos e receber o seu dinheiro, do que correr ou multiplos riscos da exportação, mórmente nestes tão incertos tempos que vão correndo.

Eu sei de uma casa exportadora que em 31 de Dezembro de 1936 fechou o seu balanço com um stock de conservas no valôr de Esc. 740.000\$00 inteáralmente págos. Neste momento o seu stock é de Esc. 560.000\$00, também inteáralmente págos. Calculo que V. Ex.^a pôde multiplicar este numero, pelo menos 10 vezes, por casas que podem manter estes stocks — e não meto em conta muitas outras que mantem stocks mais reduzidos — e veja se esta não é a melhor warrantagem que um industrial pôde ter.

Se se dêsse uma «débaclé» de preços, até onde iria o prejuizo dessas casas exportadoras?

No negócio todos corremos riscos e ninguém tem hoje a certeza do dia de amanhã. Nestas condições, não será melhor que todos nos entendâmos, que coordenêmos num só esforço, no interesse da indústria e do comércio, a nossa intelligência e a nossa bôa vontade, em vez de andarmos com retalições que a ninguem aproveitam?

Creio bem que sim. E talvez que se sempre assim tivesse sido, se tivessem evitado êrros que hoje já são irremediáveis...

De V. Ex.^a

M.to At. Venr.

João Naughton

De Luto

Está de luto, pelo falecimento de seu extremôso Pai, o nosso prezadíssimo amigo Sr. Luiz Viana, da firma Pinhais & C.^a L.^{da} desta Vila.

«Conservas» apresenta-lhe as suas sentidas condolências.

HECTOR L'HERBIER & C.^o

(CASA FUNDADA EM 1877)

PARIS, 18/20, Rue de la Douane.

MARSELHA, 2, Boulevard des Dames.

ROUEN, 112, Avenue du Mont Riboudet

TRANSPORTES — RE-EXPEDIÇÕES — DEPÓSITOS

Organizada especialmente para a re-expedição e depósito de tôda a classe de productos alimentícios. Referências de fabricantes de Matozinhos, Lisboa e Setubal á disposição



REMINGTON

FUNDADORA DA INDUSTRIA DAS MAQUINAS DE ESCRIVER EM 1873
FORNECEDORA DO ESTADO PORTUGUEZ

MÁQUINAS DE ESCRIVER:

Comerciais de diferentes tamanhos de carrêtos

Portáteis, de diversos modelos

Silenciosas («Noiseless») grandes e portáteis

De Contabilidade, que escrevem, somam e subtraem, para todos os trabalhos de estatística, facturas, contas correntes, etc.

Máquinas de ataches («Spool-O-Wire») com bobine de arame, contendo 18.000 ataches cada bobine.

Estantes («Line-A-Time») de espaços reguláveis, que dão linha por linha o original a copiar.

**Fitas, papel químico, papeis para originais e cópias,
e todos os acessórios para máquinas de escrever**

Oficina de reparações em máquinas de escrever,
de somar, de contabilidade, de calcular, etc.

Máquinas de somar «Dalton» e «Rem-Rand» manuais e eléctricas,
grandes e portáteis, de diversos modelos e capacidades.

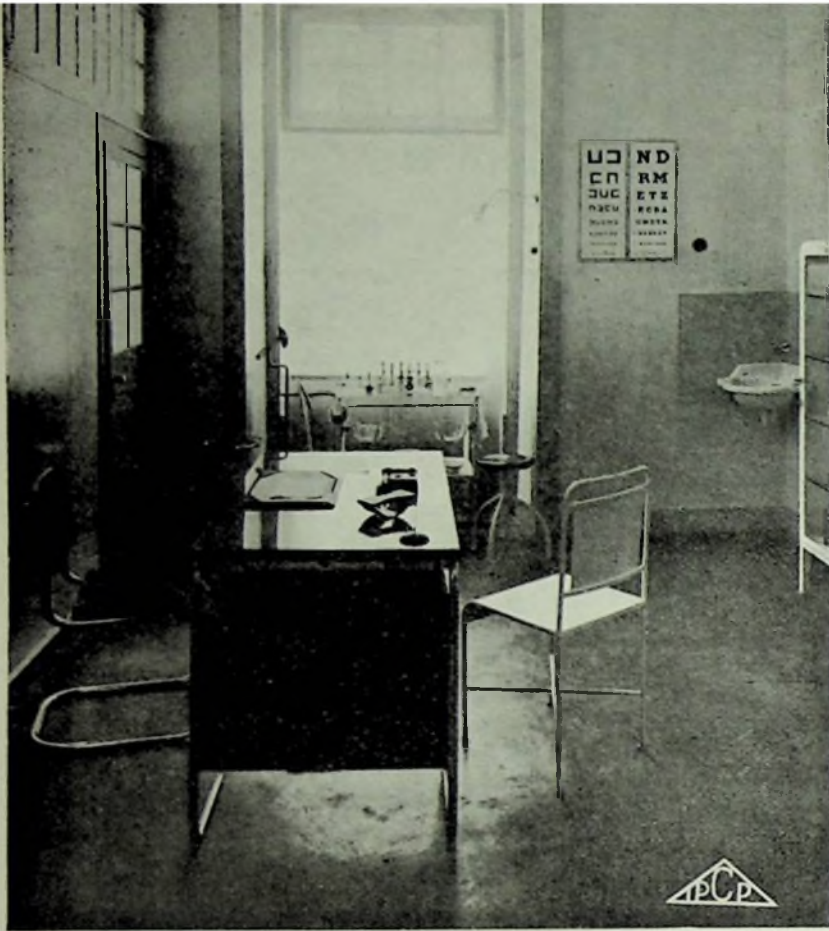
KARDEX a última palavra em todo o género de organizações sobre ficheiros horizontais, verticais, rotativos, rolantes, etc.

LIBRARY BUREAU arquivos de aço para correspondência, á prova de fogo de número de gavêtas e formatos diversos.

PORTO — R. Mousinho da Silveira, 73-1.º — Telefone, 1276

LISBOA — R. Nova do Alameda N.º 109-2.º-Esq.—Telefone, 21802

COIMBRA — R. Ferreira Borges, 117-1.º — Telefone, 550



aos rigorosos preceitos higiênicos, a sua instalação foi feita com indiscutível bom gosto e está dotada de todos os requisitos indispensáveis a um estabelecimento da sua natureza, tendo consultórios médicos e salas de observação e tratamento de clínica geral e um consultório, completíssimo, de oftalmologia.

Tem o dispensário prestado, desde a sua fundação até agora, os mais valiosos serviços aos operários da indústria de conservas, bastando saber-se, para justamente avaliar, que desde então até o último dia de Agosto foram prestadas 2.088 consultas (incluindo visitas domiciliárias) e feitos 5.841 tratamentos (incluindo perto de 3 milhares de injeções.

Acentue-se que toda a assistência médica e de tratamentos prestada aos operários e suas famílias é absolutamente gratuita, o que permite considerar a importância da



Na hora da refeição

Durante o período de alguns meses em que circunstâncias várias fizeram interromper o noticiário deste centro industrial, acontecimentos de certo modo importantes se registaram na cidade e aos quais, muito embora sejam por outras vias do conhecimento dos nossos leitores, é lícito arquivar nas colunas de "CONSERVAS", de forma que a nossa revista não deixe inteiramente de acompanhar, com a atenção que merece, tudo quanto na indústria conserveira ou á margem se vai passando.

Referir-nos-emos, em primeiro lugar, à inauguração, que teve lugar nos primeiros dias de Junho, do Dispensário Médico do Grémio dos Industriais de Conservas de Setúbal, valiosa obra de solidariedade social que aquêlê organismo instituiu para os operários da indústria conserveira desta cidade e onde os referidos operários, bem como os seus filhos até à idade de 14 anos, recebem desde então uma completa assistência médica e os tratamentos de que necessitam.

O Dispensário acha-se instalado num prédio da Rua Barão do Vale e Praça da República, próximo da séde do Grémio dos Industriais. Montado embora com simplicidade e em obediência

regalia que a aqueles foi outorgada pelo Grémio patronal, numa feliz antecipação das caixas sindicais de previdência ainda não organizadas.

Colónia de Férias - - - -

Não menos entusiástica referência merece uma outra feliz iniciativa da direcção do Grémio dos Industriais Conserveiros de Setúbal: a instalação, numa das mais pitorescas praias dos arredores desta cidade, de uma colónia de férias para os filhos dos operários das fábricas.

No caminho de Setúbal ao Outão, que é um dos mais belos recantos de Portugal que poucos visitantes que um dia tenham vindo a Setúbal desconhecirão, o Grémio mantém desde meados de Agosto turnos semanais de 200 crianças que, vestidas a suas expensas e confortavelmente alimentadas, ali brincam alegremente, em contacto com o mar ou sob o frondoso arvoredado que orla a ribeira de Ajúda.

Tem sido êste um espectáculo de enternecedora alegria contemplado em Setúbal como coisa inédita, pois aqui muito pouco se tem feito em favor das crianças, especialmente no referente a obras de assistência que lhes dêem

o imprescindível alimento e lhes proporcionem simultaneamente a alegria tão necessária ao desabrochar do seu espirito.

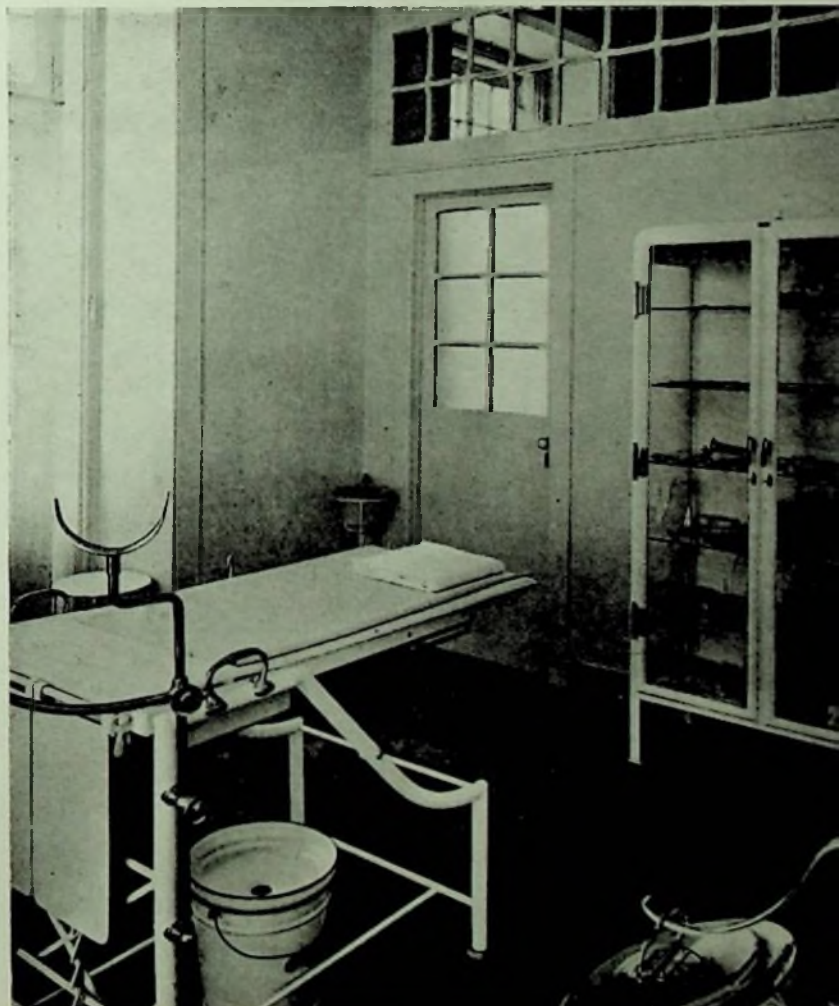
Não andaremos longe da verdade se dissermos que, tanto como os efeitos salutareos de uma semana de aprazível vida de ar livre, tanto mais benéficos quanto a existência da maioria dos pequenos filhos de operários decorre infelizmente em lares a que falta o mais elementar confôrto, outra preocupação teve decerto o Grémio dos industriais ao estabelecer a colónia de férias, num momento em que a indústria atravessa aqui uma das mais terríveis crises: a de garantir aos filhos dos seus modestos colaboradores, pelo menos durante alguns dias e sem o

“Conservas” em Setúbal

Dispensário Médico

(Retardado na Redacção)

aspecto de indigência de que vulgarmente estas iniciativas costumam revestir-se, uma alimentação sã e reconfortante que nas suas pobres casas não encontram. E não se admire o leitor se, dados os bons resultados obtidos pelos pequenos até sob o ponto de vista de educação, tão rudimentar em alguns, pobres dêles!—o Grémio tiver estudada em breve a forma de acudir desde já a tanta criança que passa os dias mal alimentada e anda aos baldões do acaso, em contacto com todos os vícios da rua, durante as horas em que as mães



são chamadas ao trabalho nas fábricas. A resolução dêste problema constitue de resto uma das grandes preocupações do industrial Mário Ledo e dos seus colaboradores na direcção daquele organismo, que não se conformam com o facto de, tendo sido há perto dum ano lançada a primeira pedra para a construção duma escola infantil para 500 crianças, ainda não se saber quando será iniciada essa construção, a despeito de todas as entidades de quem ela depende manifestarem por essa realização o maior interesse e simpatia.

Com o turno que actualmente está na colónia da praia de Ajúda (escrevemos a 22) e que deverá ser o último, passo de 1200 o número de crianças que têm aproveitado da interessante e útil iniciativa. Nêste foram incluídos cêrca de 100 alunos da escola primária mantida pelo Sindicato Nacional dos operários conserveiros, devidamente assistidos pelo respectivo professor e aos quais foram também distribuídos pelo Grémio, como aos restantes, bíbes, alpergatas e chapéus de palha.

E, para que os miudos recordem ainda uma vez os dias que alegre e descuidosamente ali passaram, o Grémio reúne-os a todos, no mesmo local, no dia 5 de Outubro próximo. Deve ser uma festa rija...

A crise de pesca

Referimo-nos, de passagem, á crise da indústria nesta cidade e não poderíamos deixar de dedicar ao assunto algumas mais demoradas considerações, tão grave êle é, tanto para a indústria de conservas como para a própria economia de Setúbal, intimamente ligada e quasi exclusivamente dependente, como se sabe, da actividade do mar.

A situação é grave desculpe-me o leitor se repito o que algures tenha escrito, mas o problema é o mesmo e as palavras não podem portanto diferir muito porque nos últimos anos, e especialmente a partir de 1936, a indústria de conservas local começou a sentir duma forma premente a falta de peixe, sendo também consequentemente graves as dificuldades que no exercício da sua actividade sente a indústria da pesca. Em 1934 e 1935 a produção de conservas em Setúbal foi de respectivamente 1.006.053 e 1.093.343 caixas. Em 1936 baixou para 731.145 caixas, ou seja um deminuição de cêrca de 30 por cento. No ano corrente e quando, terminado o período de «defêso», os industriais alimentavam a esperança de entrar num período de laboração normal, a crise acentuou-se ainda mais. Não se trata, de facto, de ausência absoluta de sardinha, mas o peixe que há cêrca dum ano está vindo à lota industrial desta cidade, é sobretudo pelas suas pequenas

dimensões, o menos próprio para a laboração das fábricas.

Nada acrescentarei sôbre as dificuldades desta situação resultantes para a indústria de conservas porque os que acaso me lêem, e que mais ou menos são do métier, as avaliam até melhor que eu próprio.

Tem a direcção do Grémio dos industriais conserveiros, que felismente está à altura da sua função e dos espinhos do cargo, desenvolvido, em emergência tão grave, uma acção a todos os títulos digna de louvor. Para ocorrer ao sacrificio por parte dos industriais, que começa a ser incomportável, da manutenção do pessoal por virtude das obrigações assumidas pelo contracto colectivo de trabalho em vigôr, solicitam da organização conserveira que aos industriais fôssem facultados créditos para êsse fim especial.

E para de qualquer forma concorrer para esclarecer o problema da pesca, tendo em vista sobretudo encontrar a matéria prima necessária à laboração das fábricas, tornou sôbre si o encargo de custear (já que a indústria da pesca os não faz, porque não pode ou não quere) vários estudos e pesquisas no sentido de se confirmar ou não se a sardinha de que a indústria de conservas necessita para, como se diz, em lugares mais distantes da costa e a maiores profundidades que aqueles onde os pescadores de Setúbal habitualmente exercem a sua actividade, e, em caso afirmativo, de se saber se será aconselhável modificar as artes de pesca aqui usadas, de forma a utilizarem-se, como no norte, rêdes mais leves e por isso sujeitas, ao mesmo tempo que permitem uma exploração mais económica, a menores riscos e prejuízos.

O Grémio fez também uma experiência de transporte de sardinha de Matozinhos para esta cidade, em vagão frigorífico. Porque êste não tinha as condições que haviam sido indicadas, não permitiu que o peixe fôsse trabalhado nas fábricas, não desistindo, todavia, de utilizar outros vagões que possam oferecer as necessárias garantias ou qualquer outra forma de transporte que satisfaça as do fim em vista.

É nêste aspecto do problema, se me dão licença que tenha opinião nêstes assuntos, que essencialmente se deve procurar a solução para as faltas de peixe como a que presentemente atinge Setúbal e ainda não há muitos anos atingiu com gravidade semelhante os centros conserveiros do Algarve.

Do que se refêre á sardinha, creio que os próprios sâbios pouco sabem. Mais vértebra, menos vértebra, donde resulta classificação com um nome mais ou menos exquísito—e pouco mais. Positivo é que ela aparece e desaparece sem nos pedir licença, influido possivelmente nas suas deslocações certas condições meteorológicas e climatéricas, expressões talvez vagas que

SUGESTÕES

Uma Assembleia Nacional

Se os homens fôsem, já não digo arcanjos, mas simplesmente *Homens conscientes dos seus direitos e deveres*, os países seriam fáceis de governar, as instituições comerciais, de rumo demarcado, navegariam para pôrto seguro e a sociedade em geral viveria como num paraíso.

Mas, entre os homens há uns que cumprem e respeitam; outros que não cumprem nem respeitam; uns que são inimigos da disciplina; uns que são egoístas ou acautelados; há bons e maus, o verso e o reverso de todas as medalhas; mas abundam, sobretudo, os inadaptáveis e os desdenhosos.

Quando surge uma legislação inteligente, ela é pois recebida de maneira contraditória. Os que têm em sua consciência os princípios de respeito e dignidade, recebem-na diferentemente do que aquêles que não aspiram em sua vida outra coisa senão a satisfação de aspirações materiais, pouco se importando do meio ou processo de os lograr. Importa-lhes o fim e não os meios.

Achando-se arraigado entre os homens um falso conceito da liberdade, tomam por imposição aquilo que só é uma garantia dos seus tesouros; por lei, a liberdade de cada um fazer o que lhe apetece; por justiça, obrar a capricho e à vontade.

E como os homens são assim, os que dirigem têm que os tomar como são e proceder em conformidade.

também poderão encobrir a ignorância de muito boa gente, excepto a minha que se apresenta sem disfarce.

Em tais circunstâncias, e ainda mesmo que venham a ser conhecidas as causas do temporário desaparecimento da sardinha de tal ou tal ponto da costa — à parte evidentemente as providências a tomar para evitar que a afugentem certos processos criminosos de pesca como a de arrasto e a que se faz com explosivos — parece que outro remédio não haverá senão transportá-la dos portos onde abunda para aquêles onde escasseia. O que seria, diga-se de passagem, uma forma de garantia à indústria da pesca o justo valor do produto e de corrigir, sob o qonto de vista industrial,

Vêm estas considerações a propósito das infracções ao preceituado «prêço mínimo» das conservas, e das disposições em que se encontram os exportadores-não-fabricantes de discutir e apresentar sugestões tendentes a fazer suprimir a mais importante medida levada a efeito pela organização conserveira de Portugal.

Não sabemos se o comprador de uma mercadoria pode intrometer-se num aspecto comercial tão interessante, pois geralmente quando o vendedor (único que pode apreciar o custo efectivo daquilo que produz) não cede a mercadoria pelo prêço que se lhe oferece, o que sucede é não se efectuar a transacção.

Que haja ou não prêço mínimo prèviamente fixado, isso não faz variar a lei do custo e êste custo continuará sempre sendo uma das mais firmes bases do prêço de venda.

O exportador-não-fabricante tem uma margem de 12% para as suas operações com o produtor. Esta base representa, mais ou menos, 7% de lucro liquido; logo, afigura-se-me lucro suficiente para um capital que se desdobra várias vezes.

O exportador-não-fabricante comete uma exorbitância quando pede um desconto maior. Pois bem; analisando a questão do seu pedido de mais elevado desconto, deduzimos em boa lógica que precisa dêle para, vendendo a prêço inferior ao «mínimo», ganhar os mesmos 7% por cada operação; ou então, quando venda ao mesmo

desiguldades de condições de trabalho que em certas ocasiões se registam entre os vários centros.

Estivéssem os nossos serviços ferroviários à altura da sua função e tivéssem como primordial objectivo servir a economia nacional, e nós há muito teríamos assegurado o transporte do peixe em vagões apropriados, atrelados ao primeiro comboio que partisse após a sua chegada ao pôrto.

Mas o que os caminhos de ferro não fizeram podem bem realizá-lo os transportes mecânicos, servidos pelas excelentes estradas que possuímos e pelos aperfeiçoados meios de refrigeração que a ciência permite utilizar.

E pôsto isto—o resto será com os interessados...
Guilherme Faria

VARIEDADES

Esterilização por meio de ondas curtas

Mr. A. R. Dennington escreveu o seguinte na revista "Canner":

O genero humano trava um combate interminavel contra um inimigo invisivel. Envolvidos como estamos de microorganismos, os nossos corpos são imunizados contra os ataques normais de bacterias devastadoras. O crescimento das plantas, e consecutivamente o nosso aprovisionamento de substâncias alimentares, repousa de uma maneira misteriosa tanto sôbre as transformações bacteriológicas, e químicas que se efectuam no solo, como na acção do ar e dos raios solares. Os

prêço, que procura devolver a diferença ao comprador estrangeiro. Em qualquer dos casos, pretende sair da realidade das coisas e da prudência dos actos, e isto é um caso de inconsciência, porquanto quando se cumpre o dever, o lucro é normal e bastante para todos.

Sem dúvida que neste vai-vem da exportação também seguiram o mesmo caminho alguns industriais; a bola foi crescendo... e hoje é indispensável pará-la, ainda que seja preciso empregar a brutalidade, visto ela constituir ameaça premente de destruir a organização que é como que a harmonia económica que procurou encaminhar a indústria pelo caminho da disciplina e da equidade.

Perder a liberdade mal compreendida—eis aqui onde nos conduzem os insensatos. Chegar ao vendedor único, à fabricação *standardizada*, à nacionalização das marcas, eis aqui outra vereda do caminho que os insensatos vão traçando inconscientemente.

Em regimens vigorosos, quando os interessados não querem corresponder aos bons desejos do Estado, este Estado não se dá ao trabalho de separar do cêsto as pêras pôdes das boas; corta pelo são, estabelecendo normas absolutas e dirige totalmente a economia industrial, em cujo regimen nós passaríamos a ser méros mandatários.

E' no prêço mínimo que assenta a defesa dos industriais. Suprimindo-o, regressariamos à liberdade, mas uma liberdade anárquica, aquela liberdade que tão bem sabem aproveitar os imprudentes. Para uns seria proveitosa, para outros a ruína; ficariam para o final os mais fortes. Mas

nossos alimentos, quer sejam de natureza vegetal ou por modificações de celulas animais, contêm miriades de bacterias. Cada inspiração que nós fazemos traz um exército de germes, e cada expiração expulsa um número ainda maior, mantendo assim um estado de equilibrio que impede de sermos vencidos.

Impossibilidade da Esterilização Total

Desde que a existência dos organismos infinitamente pequenos foi comprovada, têm-se feito muitas tentativas para exercer sôbre eles um certo controle, creando para aquêles que se desejam

nós devemos considerar a colectividade tal como é e não pensar em que possam promulgar-se medidas que firam alguns dos que a formam.

Limitar a produção? E' uma medida digna de estudo consciencioso e delicado. Limitar a exportação? E' outra medida paralela da anterior.

Nós não somos tão ingênuos que digamos: procurem os infractores e castiguem-nos inextinguivelmente. Não. O traficante viveu sempre apesar de saber que existem leis punitivas. Os indignos são mestres na arte de iludir a lei. A nossa ingenuidade não vai tão longe.

Se o prêço mínimo é um factor da harmonia e equidade, se salva da anarquia o industrial honesto, se conduz por caminho recto à economia nacional, se é um principio são, justo e moderador, procurem-se os meios de o manter. Apresentem-se sugestões concretas. Encontre-se um meio de correcção. Mas mantenha-se o prêço mínimo.

Sugerimos uma «Assembleia Nacional de Industriais e Exportadores» em cuja ordem do dia figure exclusivamente o têmea que vimos debatendo. Ali ouviriam as autoridades nacionais o parecer dos produtores e exportadores. Dêsse amplo debate poderia talvez sair uma fórmula capaz de resolver este caso.

Quando menos, sairia robustecida a autoridade do I. P. C. P., para que melhor pudesse aplicar a sua justiça sem abdicar do seu prestigio nem do seu poder.

José A. Mora



Demandez toujours les marques courantes :

Rios - Mascato - Yo - Semper Idem

Marinheiro - Edusa - Cibeles

PINHAIS & C.^A, L.^{DA}

AVENIDA MENÉRES, 500

MATOZINHOS

PORTUGAL

Arlindo de Souza Vinagreiro

Armazens de Salga e Pescarias

Rua Conde S. Salvador, 55 a 59

MATOZINHOS

PORTUGAL

Telefone, 165-M

End. telegráfico: LINDO

BOTELHOS & OJEDA

Sardinhas em Salmoura e Prensadas - Anchovas

em Salmoura e Filetes de Anchovas

Rua Ivens, 88 - - MATOZINHOS - - Portugal

Fábrica de Conservas PARAMOS, L.^{DA}

Marques déposées:

Parámos
Bristol
Dulce
St. Georg
Invicta



Rua Conselheiro Costa Braga
MATOZINHOS
P O R T U G A L

Adresse télégraphique: PARAMOS.

Téléph 222-M

FABRICA de
CONSERVAS
ACTIVA

MATOZINHOS - PORTUGAL

MARCAS:

ACTIVA
BORITH
LALITA
LEIXÕES
TULLIA
BAYADERA

IMPÕE-SE PELA
QUALIDADE
DO SEU FABRICO

J. SERRANO JUNIOR

manter um meio favorável, como por exemplo, para certas espécies de leveduras, enquanto que se criava um meio desfavorável para os bacilos indesejáveis cujo número precisássemos reduzir. Os ensaios feitos com o fim de diminuir o desenvolvimento de bactérias são ordinariamente qualificadas de «esterilização», embora haja que admitir que a esterilização completa (ausência de germes) seja um ideal que não é possível atingir. Produtos esterilizados deram lugar a desenvolvimentos bacteriológicos que, durante anos, ficam em inactividade aparente.

A aglomeração dos seres humanos nas grandes cidades cria condições que permitem uma multiplicação mais rápida do número de organismos do que do número da população. As águas dos esgotos escoam para os rios, e de estes mesmos rios se fazem abastecimentos de água potável. Para manter os meios de defesa do organismo humano, a ciência desenvolveu diversos métodos próprios para combater os organismos bacilares com o fim de manter um estado de equilíbrio que nos permita levar uma vida sã e normal. Estes métodos compreendem a elevação da temperatura, o tratamento químico e a irradiação. A elevação da temperatura pode, por exemplo, dar-nos produtos absolutamente esterilizados; esses são todavia constituídos por cinzas ou resíduos de combustão total, de forma que não somente as bactérias foram destruídas, mas também a substância alimentar. Produtos alimentares submetidos, com o fim de esterilizar, a uma elevação de temperatura, podem ser melhorados quanto ao gosto e à assimilação, como se dá com a cocção; o gosto, pode, pelo contrário, influenciar-se em sentido contrário, que é o que sucede com o leite submetido à pasteurização.

Eficácia dos curtos comprimentos de ondas

O terceiro método de esterilização, pelas irradiações, apresenta várias vantagens sobre a elevação de temperatura ou os processos químicos. É um facto bem conhecido que a luz solar é bactericida, e que ela é ainda mais eficaz se, por filtragem, se eliminarem os raios ultra-violetas e infra-vermelhos. Durante várias experiências, demonstrou-se o facto indiscutível que as ondas mais curtas são, quanto à sua acção mortal, mais eficazes do que as ondas compridas. As ondas extra-curtas são facilmente absorvidas pelo ar, não sendo eficazes senão a fraca distância do ponto de emissão. Uma origem de emissão muito eficaz e muito cómoda é a lâmpada esterilizadora «de janela», por a sua espessura ser de cerca de 10 microns. Para empregar nos numerosos casos de esterilização industrial, a lâmpada tubular constitui, nos domínios da esterilização, uma outra origem de ondas. Esta lâmpada é fabricada

com um vidro especial e sob baixa pressão cheia de vapor de mercúrio e de uma mistura de gases inertes, tais como o argon e o néon, a fim de reduzir a tensão inicial. Estas lâmpadas têm sido até agora fabricadas em três tamanhos, tendo 10, 20 ou 30 polegadas de comprimento útil ou eficaz, com um complemento, para todos esses tamanhos, de 4 1/2 polegadas de comprimento para aí alojar os eléctrodos.

A lâmpada é de forma tubular, porque é desejável que o caminho a percorrer pelas ondas no interior da lâmpada seja reduzida ao mínimo, por causa do poder absorvente do vapor de mercúrio.

Como o gás é mantido sob a forma de uma tenue coluna, esta perda é reduzida ao mínimo. 75% aproximadamente da energia radiante da lâmpada se encontra na zona de 2.537 Angstroms, enquanto que a energia total consumida por uma lâmpada de 30 polegadas é, segundo a intensidade da corrente que deveria variar de 30 a 50 miliampéres, de 5 a 6 watts. A temperatura do tubo não é senão alguns graus superiores à do ar ambiente, o que permite fazer a montagem em lugares onde toda a elevação sensível da temperatura seria nociva. Obtem-se um cálculo da potência necessária para uma instalação, admitindo que um grupo de duas unidades esterilizantes de 30 polegadas, compreendendo o transformador, seja equivalente a uma lâmpada de 25 watts.

O fraco consumo de energia e a pequena elevação de temperatura da lâmpada esterilizada abrem um vasto campo de aplicações possíveis, entre as quais várias já foram estudadas até um grau bastante avançado, enquanto que para outras se está nos primeiros degraus das pesquisas.

(continua)



“Conservas” em França

*Le PORTUGAL,
ses pavillons, son PORTO
et ses Sardines*

On se souvient encore en France de l'admirable effort du Portugal, à Vincennes en 1931, à l'occasion de l'Exposition Coloniale. Le pavillon portugais était le témoignage patent d'une longue et patiente oeuvre colonisatrice démontrant un évident rapprochement de la métropole avec ses vastes colonies. Le Portugal parfaitement au courant des besoins de ses colonies et en y déléguant des hommes actifs et compréhensifs a donné à l'Exposition Coloniale la preuve la plus éclatante de sa

reussite et ce qu'une civilisation occidentale bien conduite peut obtenir. Il a montré au monde entier son oeuvre colonisatrice séculaire.

Aujourd'hui encore à l'Exposition des Arts et Techniques de 1937 à Paris le pavillon portugais dans ce cadre magnifique de rives de la Seine montre son rôle historique et les réalisations dont ce petit grand pays est capable, en même temps que les promesses d'un avenir vers un progrès qui n'effraye nullement son esprit d'entreprise. Les millions de visiteurs

éblouis que depuis des mois parcourent la vaste Exposition au sortir du pavillon portugais se montrent satisfaits d'une documentation que leur a appris plus en une heure que toutes les lectures de livres ou journaux.

Soulig nous donc comme il se doit cette nouvelle manifestation imposante et inoubliable du Portugal et dont la reussite revient sans conteste à tous ceux qui apportèrent un dévouement inlassable à l'organisation du pavillon portugais qui honore et contribuera à la



Paris-Torre Eiffel à noite

grandeur du pays et à l'avenir qui lui est réservé.

Nous tous portugais pouvons en être satisfaits et fiers.

Tout contre le pavillon principal s'érige le pavillon des vins de Porto et conservas portugaises, ou le numéro de notre journal « CONSERVAS » consacré à la grande Exposition de Paris à été profusément distribué. Ce pavillon ou le vin de Porto est offert en dégustation constitue un heureux complément et un agréable relais après la visite de tant de choses intéressantes vues dans le premier corps de bâtiment.

On y peut également manger un excellent sandwich de pain mie avec une sardin d'origine. C'est là une très belle initiative fort appréciée des nombreux visiteurs que tous s'en trouvent charmés de cette délicate prévenance qui est en même temps une propagande unique en faveur de nos deux grands produits d'exportation si goûtés en France, le Vin de Porto et les Sardines Portugaises.

De la terrasse de ce pavillon on peut contempler le vaste panorama de l'Exposition ayant devant les yeux un prodigieux spectacle qui vous saisit l'âme, spectacle féérique, unique au monde et aujourd'hui dans toute sa splendeur.

Le tout se complète par une vision de rêve avec une caravelle adossée à quai et un bateau de forme spéciale servant au transport des fûts de Porto sur le Douro, ce fleuve portugais qui à le privilège d'arroser une si riche province qui donne ce précieux nectar qui est le vin de Porto.

Rien d'étonnant à ce que tous les Français et tous les hôtes de la France de passage à Paris s'installent des heures durant dans la belle terrasse du pavillon portugais.

Paris — Sept. 1937

Les Sardines et la Lumiér Solaire

Un grand savant, Monsieur Jacques LOEB, vient de démontrer, après une étude sérieuse des phénomènes de phototropisme animal, que les êtres vivants sont de véritables machines chimiques.

Un animal éclairé, dit-il, latéralement tourne automatiquement jusqu'à ce qu'il soit éclairé également des deux côtés, en faisant face à la lumière. Pour expliquer ce phénomène, LOEB, fait appel à l'action photochimique de la lumière.

D'autres savants par leurs expériences, autorisent à admettre que l'action de la lumière se réduit en dernière analyse à une modification de la vitesse des réactions chimiques.

A mesure que l'intensité de la lumière augmente, la vitesse de certaines réactions chimiques augmente en même temps.

Les sardines portugaises vivant près des côtes constamment baignées de soleil sont pénétrées par ces rayons torrides qui procurent à leur activité musculaire une parfaite symétrie.

Dans le milieu fluide où vivent les sardines, les sensations tactiles, auditives et olfactives faisant presque défaut, c'est vers les sensations visuelles qu'elles s'acheminent. En plein jour elles cherchent donc entre deux eaux le plus de clarté possible, et cette clarté c'est le beau soleil du Portugal que non seulement illumine leur route mais encore les impregne de toute la radio-activité de ses rayons chauds.

Il faut d'ailleurs convenir que la *sardine portugaise* du fait qu'elle habite une côte ensoleillée est d'une chair onctueuse et grasse et délicieuse au palais des gourmands.

L'attraction des sardines vers le soleil est indéniable et sans doute parce que ce soleil est indispensable à leur vie. Or la conclusion qui s'impose c'est que là où il a plus de soleil, ou il est plus ardent, c'est là que la sardine est la meilleure.

Concluons donc que le Portugal est le pays de la première sardine du monde.

Paris, Octobre 1937

V. de A. PESSOA



“Conservas” em Setúbal

A propósito do Preço Mínimo

(Do nosso correspondente)

“CONSERVAS” que está empenhada numa campanha de franca batalha aos maus comerciantes e fabricantes prevaricadores, exige d'este seu humilde correspondente que lhe diga o que há e se pensa por aqui, centro industrial importante, acêrca do preço mínimo.

Não é possível — nem sabemos se valeria a pena fazê-lo neste momento — submeter à apreciação de cada industrial o questionário a que os fabricantes do norte de verão responder. Infelizmente a situação de Setúbal, dada a quasi ausência de pesca que aqui se regista, faz que os industriais estejam livres do assédio de quantos zarguncham, por fas ou por nefas, o pobre do preço mínimo. O ambiente é de calmaria pôdre, como se diz em linguagem da borda de água. Entretanto procuraremos condensar nalgumas considerações tanto quanto possível breves opinião que valha — para quem não se sentir no pleníssimo direito ou interesse de têr opinião contrária.

O preço mínimo das conservas... contos largos, larguíssimos contos. O preço mínimo tem sido, se nos permitem a imagem, como bombo em romaria, batido e esfurancado por todos os filarmónicos para quem a obediência à batuta é coisa de somênos. O que não admira, porque esta filarmónica portuguesa tem ainda alguns naipes muito desafinados.

O preço mínimo, tema elástico, tem sido objecto de várias offensivas. Agora, segundo se deduz do grito de alarme de «Conservas», trata-se de solicitar, de quem de direito, nem mais nem menos que a sua anulação, com fundamento nas infracções que se praticam quasi que desassombadamente (e será talvez favor ou modéstia de expressão êste quasi) em todos os mercados. Há pouco ainda, a offensiva visava não a fixação do preço, mas o nível a que êle havia sido estabelecido.

O jornal local «A Indústria», por exemplo, no seu número de 17 de Julho, ainda não há três menses, prevenia os interessados contra o alarme e desorientação que se pretendia levar até junto dos industriais, e junto até da própria organização nacional da indústria de conservas, a propósito dos inconvenientes dos aumentos que o

produto recentemente havia sofrido, aumentos que intencionalmente se apresentava como imcomportáveis para os mercados consumidores. Para fundamentar o seu ponto de vista de que de especulação se tratava, citava aquêl journal, entre outras razões d'esses aumentos, os encargos com a organização e o pessoal operário, que não são pequenos, acrescentando:

«Depois, nada nos demonstra que os mercados importadores não possam pagar os preços estabelecidos para as nossas conservas. Verifica-se mesmo que os preços actuais são inferiores aos de antes de estabelecida a organização da indústria, se se tiver em conta que as qualidades melhoraram e as exigências dos próprios mercados aumentaram».

E mais adiante:

«Podendo parecer que os preços actuais são elevados, é fácil concluir que êles, ao contrário, estão longe ainda de dar à indústria a justa remuneração a que tem direito e de constituir para ella a recompensa do seu trabalho e dos capitais que emprega. Não devem, pois, manter-se? Mas a todo o transe, tal qual estão estabelecidos.

«Torna-se apenas necessário, para que certos receios não de todo ingênuos desapareçam, que aos mercados consumidores se leve a confiança, através da certeza de que qualquer diminuição dos preços actuais não será possível, pelas razões expostas, nem tampouco consentida, a não ser na nova safra e desde que as condições da indústria então o permitam e aconselhem. E' indispensável que a organização nacional conserveira dê, aos que nos compram, a mais absoluta garantia de que tal baixa não é de considerar nem de recear. E não só a confiança renascerá nos consumidores, como até desaparecerá o elemento perturbador que permite o jôgo de cada um, individualmente...»

Baixa de preços, anulação de preços — são tudo, como facilmente se depreende, novíssimas variações a propósito de um velho tema.

Acabar com o preço mínimo — creio ser esta a opinião geral, pelo menos a opinião consciente dos que não olham apenas aos seus interesses — seria lançar o fabrico e a exportação de conservas num profundo abismo, de que não sairiam sem gravíssimos prejuizos. Manter a mecânica do preço mínimo tal como está, a muitos se afigura verdadeiramente prejudicial para os que cumprem escrupulosamente o seu dever e respeitam a lei e seriamente perigoso para o prestígio duma orga-

nização que pela sua característica e envergadura não pode deixar-se vencer por vulgares transgressores.

Têm os exportadores de conservas o direito de intrometer-se na fixação dos preços, deligenciando até obter a sua anulação? Alguém que é industrial até à medula, respondeu-nos a esta pergunta sem vacilar:

— Têm, sim, senhor; pelo menos enquanto desempenharem a função que actualmente lhes está entregue e em virtude da qual têm mesmo lugar entre o Conselho Geral do Instituto Português de Conservas. De resto, as transgressões ao estabelecido sobre preço mínimo não atingem e prejudicam apenas os fabricantes-exportadores que cumprem a lei, mas também os comerciantes-exportadores que se cingem à obediência rigorosa do que está superiormente estabelecido. É de certo de boa fé, e portanto no uso, até certo ponto, de um direito, que a direcção do Grémio dos Exportadores de Conservas tenciona incluir na ordem dos trabalhos da sua próxima Assembleia a questão da abolição do preço mínimo, com o fim, que não pode ser outro, de, desde que a lei nem por todos é cumprida, a todos se assegurar, pela sua revogação, igualdade de tratamento e de condições de trabalho. Porque não pode admitir-se que quem dirige um tal organismo pretenda servir outros interesses que não sejam os da colectividade, como não seria de conceber que entre quem dirige os Grémios de Industriais houvesse quem desejasse a abolição do preço mínimo ou, mantido êle em vigor, o considerasse letra morta. Por outras palavras, é a consagração, com certa razão de ser, daquela divisa do célebre sapateiro que entendia que desde que não houvesse moralidade todos deveriam ter direito a comer.

Mas a abolição do preço mínimo seria a volta aos tempos da pleníssima liberdade em que, puxando cada um para seu lado, nunca a indústria de conservas conseguiu levantar cabeça, o regresso à deliciosa anarquia em que todos perdiam e que num só ano, o de 1931, deve ter causado à economia nacional, como se registou no "Diário do Governo", um prejuízo à volta de 55 mil contos.

Os comerciantes-exportadores terão o direito de intervir no que se refere à fixação dos preços—diz-nos outro industrial—desde que a sua intervenção concorra para melhorar a engrenagem que parece funcionar mal e acabar com a desigualdade de condições de trabalho que à margem da lei existe para os que a cumprem e para aqueles que lhe não obedecem. Mas não vai êsse direito até o ponto de pedirem a abolição de medidas que é indispensável aperfeiçoar, sim, mas igualmente indispensável é manter, para prestígio de todos nós e vantagem do trabalho nacional. Onde se viu, porque determinado sistema não deu inteiramente os resultados que se esperava, pô-lo radicalmente

de parte, sem se tentar corrigi-lo e aperfeiçoá-lo?

O que é certo, prossegue o nosso interlocutor, é que a organização conserveira, criada para defender especialmente a indústria, tem tido sempre a preocupação de deixar a maior liberdade de movimentos aos comerciantes que dela vivem, não reparando em que continuam a ser para aquêles os proveitos e para os industriais os sacrifícios. Por isso entendo que se aos comerciantes-exportadores deve ser dado o direito de intervirem com a sua experiência no estudo das medidas tendentes a aperfeiçoar o que não está bem, êsse direito não pode ir até pedirem pura e simplesmente a abolição daquilo que fundamentalmente interessa aos industriais de conservas. O preço mínimo das conservas deve manter-se, a despeito mesmo de nas esferas superiores, lamentavelmente desapercibidas da gravidade do assunto, haver quem pense que tanto faz manter como fazer cessar essa disposição, desde que o côro dos abolicionistas se faça ouvir mais forte que o dos da parte contrária.

O panorama da campanha abolicionista foi-nos posto assim, por quem conhece o assunto, em que somos meros espectadores:

Setúbal era, como se sabe, centro industrial de invulgar actividade. Constituía, por razões que não paga a pena pormenorizar, o melhor campo de acção do comércio exportador, havendo por aí muitas ruínas industriais a atestar a sua passagem. Veio a falta de pesca em Setúbal, e afluíu a sardinha em grande abundância a Matozinhos; logo esta piscosa localidade atraíu, como era natural, o comércio da especialidade. Mas em Matozinhos não encontra êsse comércio, ou encontra em pequena escala, as facilidades que tinha aqui. Os industriais de Matozinhos são na sua maioria, se não na sua totalidade, também exportadores, conhecem e cultivam os mercados externos, dão provas de uma actividade e espírito de iniciativa que não nos ficaria mal invejar-lhes. A abundância de peixe fez que todos redobrassem de actividade, constituindo, nos mercados de lá de fóra, concorrentes dos comerciantes que até então haviam possuído os melhores trunfos do jôgo. Ao mesmo tempo o baixo preço do peixe terá feito que alguns industriais-exportadores se deixassem tentar pelo recurso de avultarem as suas vendas à custa de transigências que colidem com o preço mínimo estabelecido. E quando são os industriais que prevaricam — arde Troia...

Não sômos industriais nem comerciantes; mas pelo que conhecemos do meio e da engrenagem conserveira parece-nos que a questão não deve estar, assim, mal posta.

Matozinhos sofre o mal que tanto tem afligido Setúbal. Se a resolução dos industriais do norte—de suspender e cortar todas as reações comerciais com as entidades que, para conseguirem

Limite Mínimo de Preços

O artigo publicado sob este título no nosso numero anterior, da autoria do Ex.^{mo} Snr. Dr. Fernando Matos, mereceu aplausos gerais não só de Matozinhos como dos restantes centros industriais.

De Setúbal foi endereçado a S. Ex.^a o seguinte telegrama:

«Felicito e perfilho com entusiasmo seu corajoso, sincero e brilhante artigo na revista Conservas contra manejos dos inimigos de sempre dos industriais conserveiros. Continuamos sofrendo funestas consequências de erros graves traindo generosa ideia da nossa organização para a qual alguns de nós lutámos durante tantos anos, feita exclusivamente como era natural para a indústria e industriais. Assistimos desiludidos á invasão de interesses opostos aos dos industriais, adquirindo ascendência, poder e influência, dominando próprios industrias que quasi passaram

«a existir sómente para pagar e obedecer. Esses interesses estranhos provocam e animam intriga e dissidência na familia industrial que, dividida e enfraquecida, nada vale, assistindo impotente ao desabar dos seus sonhos dum protecção a que tem direito. Abraços do seu admirador e amigo

Mariano Coelho»

« O Conserveiro »

Passou no pretérito mês de Agosto o segundo aniversário da sua existência, o semanário de Setúbal «O Conserveiro», órgão intemerato dos Sindicatos Nacionais dos Operários da Indústria de Conservas de Portugal.

Comemorando esse acontecimento auspicioso, o nosso estimado confrade fez publicar um numero especial, profusamente ilustrado com gravuras eloquentemente demonstrativas da admirável obra de assistência do I. P. C. P. aos operários da indústria portuguesa de conservas. Muitos parabens.

os seus fins, dão informações erradas e menos verdadeiras acêrca de vantagens concedidas por colegas seus a compradores de conservas, no regime de preços e condições para exportadores—se essa resolução se mantiver e fôr cumprida, terão evidentemente dado um grande passo para obstar à especulação que se faz em volta dos seus interesses.

O problema porém não terá a necessária resolução enquanto o sistema do preço mínimo não fôr modificado.

O preço mínimo—e esta foi sempre a opinião de Setúbal, infelizmente desacompanhada do apoio de alguns dos outros centros industriais—deve ser fixado à produção no país. Sobre estes é que deveria incidir a mais rigorosa e insistente fiscalização, evidentemente mais fácil de fazer e mais eficiente no mercado interno que todas as fantasias de fiscalização nos mercados estrangeiros. O preço da exportação seria neste caso função do preço fixado à produção, acrescido das despesas e encargos que em relação a cada mercado a organização conserveira fixaria também.

E não seria desacertado, como alguém sugere, que o snr. Ministro das Finanças, a fim de evitar certas tentações quando o preço do peixe se avilta tivesse na sua mão a faculdade de fazer cobrar pelas alfândegas, no acto do despacho, uma taxa que servisse a corrigir a diferença do preço do

peixe, taxa essa que poderia ser entregue aos Grêmios, para a conta individual do fabricante que receberia o seu produto em prazos previamente fixados. Aqui está uma opinião que me parece de ponderar.

“Conservas”, dando franca batalha aos maus comerciantes e fabricantes prevaricadores, cumpre evidentemente uma das principais missões para que foi criada. A sua atitude despertou neste centro industrial o maior interesse, e todos os que desejam ver disciplinados a indústria e o comércio das conservas estão com ela. A repressão das fraudes ao preço mínimo é necessária, indispensável. Quando o exportador encontre quem lhe dê mais que a taxa que para a sua actividade foi oficialmente estabelecida, é evidente que procurará todas as formas, para vender sempre mais, de entregar ao comprador essa diferença. O mesmo sucederá com alguns fabricantes quando obtenham peixe barato e mão de obra a preços mais vantajosos e se esqueçam de que, forçando a venda, lesam com a sua orientação a economia nacional e concorrem igualmente para a desorganização dos mercados.

No fundo todos estão de acôrdo em que é necessário encontrar remédio para esta situação, e o remédio nunca poderá ser o regresso à anarquia.

Guilherme Faria

Temos no nosso arquivo algumas notas que nos apraz ler de vez em quando. Vejamos algumas:

—«Nas costas sul da Espanha, Portugal e Galiza, o máximo da desova tem lugar no fim do inverno, em Fevereiro e Março; de Alcachon a Concarneau produz-se na primavera, em Maio e Junho; na Mancha, em pleno verão e sobretudo em Julho e Agosto».

—«A qualidade de um peixe pode reduzir-se do estado fisiológico em que êle se encontra no momento da sua captura».

—«Sabe-se que a SARDINHA passa por períodos de engorda e emagrecimento que lhe modificam o gôsto, o valôr nutritivo e o valôr comercial. Quando está gôrda, constitue um produto de escôlha e presta-se admiravelmente a tôda a espécie de conservas; quando está magra, não constitue senão um produto de segunda ordem, inferior sob todos os pontos de vista».

—«...«Se assim é, a protecção à reprodução da espécie das nossas costas, por meio do defêso que com sacrificio das emprêsas e classe piscatória na respectiva época, é uma medida a aconselhar, para o repovoamento dessas costas, a-fim-de evitar um mal maior, resultante do desaparecimento total da Sardinha, que comporta um sacrificio muito maior».

—«Tudo pois nos leva a presumir que a salvação da indústria da pesca, na parte que respeita à existência de sardinha para pesca, esteja num conjunto de medidas de protecção à reprodução e desenvolvimento da espécie, que embora restringindo a actividade da indústria a um menor número de meses do ano, a torne remuneradora nêsses meses, de modo que as classes que dessa indústria possam nos meses de protecção subsistir, à custa das reservas criadas nos meses de actividade. Seria um grande passo no caminho da regularização e normalização da vida destas indústrias, tirando-lhe o carácter de aventura que hoje têm».

—«...mas julgo bem que todo o fabricante sensato preferirá trabalhar só seis meses no ano, com boa sardinha, e ter nêste regime um lucro suficiente, embora modesto, em lugar dos prejuizos certos com que hoje unicamente conta».

O que atraz fica dito não o dissemos nós; extraímo-lo de um estudo apresentado pelo Sr. Luís José Supico no 1.º Congresso Nacional de Pesca e Conservas em 1927.

* * *

—«Como factor de descrédito e de desvalorização da nossa conserva nos mercados externos, há ainda

Rosas e... Espinhos

que citar o fabrico com peixe de inverno».

—«Esse peixe, magro, produz conserva inferior e requiere o emprêgo de maior quantidade de azeite. O seu fabrico sai, portanto, mais caro que o do peixe de verão».

—«Por outro lado, o consumidor estrangeiro, naturalmente inapto a distinguir o peixe de verão do peixe de inverno, só sabe que adquire ora uma conserva boa, ora uma conserva magra e ruim (ambas com a inscrição bem visível: *Importé du Portugal*)».

—«Há, portanto, vantagem em restringir a fabricação de peixe de inverno, com o fim de melhorar o nível médio qualidade da conserva portuguesa, restrição que, além disso, constitue um processo indirecto de deflaccão da indústria, pela sua redução no tempo de actividade normal, já que não é possível atingir êsse objectivo pela deminuição forçada do número de emprêsas».

Isto também o não dissemos nós. Consta de uma representação entregue ao Govêrno em 10 de Setembro de 1931 por autoridades na matéria.

* * *

Uma outra autoridade indiscutível, o Sr. Marcelino Carlos, apresentou no aludido Congresso de 1927 umas conclusões de que copiamos o seguinte:

«7.º Devem adoptar-se as possíveis medidas para que o peixe seja trazido ás lotas no maior estado de frescura e com o melhor aspecto.

* * *

A maior parte das sugestões do Congresso de 1927 foram convertidas na lei que criou a organização da indústria de conservas, incluindo a que se refere a não se fabricar nos meses de inverno—a cuja disposição se deu o nome de «defêso». Com a devida vénia, dizemos que, no nosso modesto pensar, aquêle era o caminho recto.

Para cobrir um santo, descobrir outro, não nos parece que seja resolver o problema, é agravá-lo.

Mas, como tudo tem emenda, esperamos que êste assunto a tenha também.

* * *

Continua palpitante o feio aspecto que vão tomando as coisas relacionadas com o preço mínimo. «**Conservas**» conta poder reunir uma subida quantia para poder abrir um concurso com prémio destinado ao melhor trabalho cujos temas serão:

«*Processo radical de terminar com os vendedores a preço inferior ao mínimo estabelecido pelo I. P. C. P.*».

«*Processo a seguir para inutilizar os desonestos e impedi-los de comerciar em conservas*».

«*Piano completo para conseguir o reinado da moralidade absoluta*».

«*Como deve organizar-se a policia secreta incumbida de descobrir os contraventores, denunciando os seus trucs, meios, processos, nomes etc. etc.*».

Para este concurso serão convidados os industriais, os exportadores e os agentes no estrangeiro. O trabalho premiado, luxuosamente editado, será oferecido ao I. P. C. P. pela nossa revista para que esta entidade se compenetre de que pômos o máximo empenho em defender a indústria de conservas. O nosso modesto desejo é prestar mais um serviço aos industriais conserveiros. E será, sem dúvida, um grande serviço!

O Corporativismo também nos agradecerá que exponhamos em relêvo aquêles que o atraioam. Não é bom cidadão aquêles que falta aos seus compromissos de honra, e o seu lugar não é na sociedade mas sim na cadeia. Os regimes fortes não devem perdoar aos que fazem da imoralidade um modo de vida, e da falta de respeito pelos preceitos legais um procedimento normal.

Consentir isto seria tanto como castigar os honestos precisamente por o serem.

Andorinha

Será bom tratado, rodeado de tôdas as deferências

no
Hotel Bayard

17, Rue du Conservatoire, 17
PARIS

O preferido dos Portuguezes
— onde se fala o portuguez —
Diária completa dêsde 50 francos

RECOMENDAM-SE

A. & H. Ghisletti



CUNHA FERREIRA

CASA FUNDADA EM 1880

Teleg.: BREVETS

Telefone, 2 0345

Marcas e Patentes

em Portugal-Colónias-Estrangeiro

Correspondentes em todos os países

Largo do Corpo Santo, 27 — LISBOA



Manoel Pereira Mil-Homens

Fornecedor de Carvão vegetal

para as

FÁBRICAS DE CONSERVAS

CASTELO DE PAIVA



Sociedade la Artistica

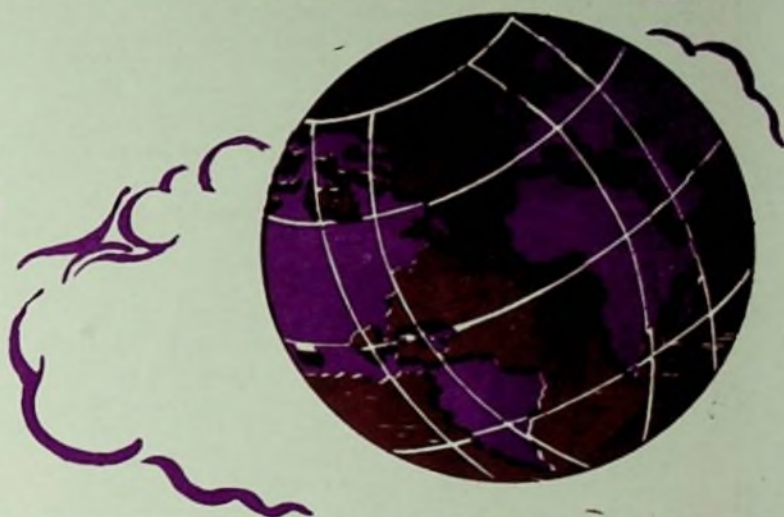
Limitada

Manufacturas
de
Borracha

FÁBRICA DE ANILHAS DE
BORRACHA PARA O FECHO
HERMÉTICO DAS LATAS
DE CONSERVAS E CHAVES
PARA AS MESMAS.

VALENÇA DO MINHO

O MUNDO



**HONTEM
DESCOBERTO PELAS
CARAVELAS DE POR-
TUGAL, É HOJE CON-
QUISTADO PELOS
PRODUCTOS DE
JOSÉ ANTONIO CABRAL & F.^{OS}**

MATOZINHOS

FABRICANTES / EXPORTADORES
DE

**SARDINHAS EM CONSERVA
AZEITES
AZEITONAS**

TELEGRAMAS: LARBAC



Sociedade de Conservas JOANA D'ARC, L.^{DA}



MARQUES DEPOSÉES
 CELESTIAL AUSPICIOSA
 LUDUVINA JOARCO
 LUCRÉCIA DOSIL



Avenida Menéres
 MATOZINHOS — Portugal

Adresse télégraphique: JOARC
 Téléphone: 83-M.



António Rodrigues de Souza

DESPACHANTE
 OFICIAL
 NA

Telefones n.º 35, 159 e 24-M — Endereço Telegráfico: «ANTOS» — Leixões
 Escritório: RUA DE CARVALHO ARAÚJO — (Antiga RUA DA PRAIA)

Delegação de Leixões

LEÇA DA PALMEIRA — LEIXÕES

Delegado no Pôrto da

Companhia Geral de Angola

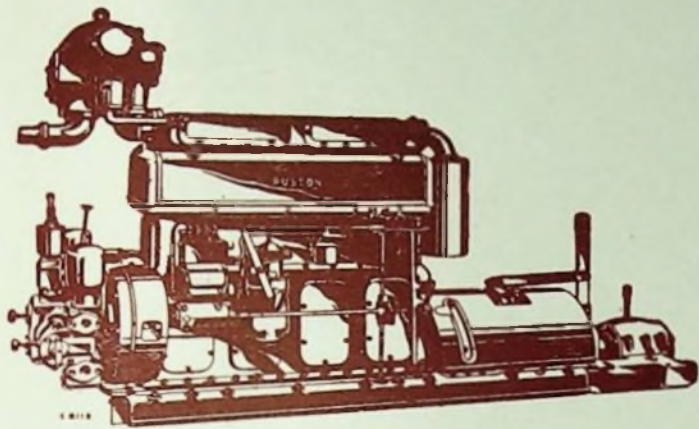
ESCRITÓRIO NO PORTO:
 R. SÁ DA BANDEIRA, 88-1.º -- Telef.: 5976

Despachos de vapores, navios e mercadorias. Armazéns no Caís do Molhe Norte para recolha de mercadorias. Barcagens entre Leixões e Douro. Fretamento de embarcações.



Motores Marítimos RUSTON

A OLEOS PESADOS ARRANQUE A FRIO



Instalações completas para traineiras, barcos de pesca, rebocadores, lanchas, etc.

FUNCIÓNAMENTO GARANTIDO — ORÇAMENTOS GRATIS

Harker Sumner & C.^a
223, R. José Falcão-PORTO — 18, L. Corpo Santo-LISBOA

LEOPOLDO ALONSO

Caes das Pedras, 18 TELEFONE N.º 5013

Agente exclusivo da
The SOUTH WALLS
TIMPLATE Co. Ltd.,
de Londres. Fabricantes
exportadores de Fólha de Flandres

COMPRA retalhos de Fólha de Flandres

Para modicidade em preços

e bom gosto nos trabalhos

PROCUREM a

TIPOGRAFIA

EIXÕES

Rua Brito Capelo, 335 — MATOZINHOS

Telef. 94-M

A revista "CONSERVAS" é lá composta e impressa

ÉTABLISSEMENTS

H. SUDRY

RUE BEUSÈJOUR PROLONGÉE

NANTES (França)

A mais importante organização industrial da Europa em máquinas de toda a espécie para fábricas de vasio e de conservas.

Ótimas referências em Portugal, Espanha, França, Itália, Suíça, Alemanha, Holanda, etc., etc.

Representante em Portugal e Colónias:

13, Praça dos Restauradores

VIRGÍLIO LORY LISBOA



FORNECEDORES DO
GOVERNO PORTUGUEZ

LITOGRAFIA NACIONAL

♦ IGNACIO A. DE SOUZA & FILHO ♦

TELEFONES 12
E
756

TELEG. LITONAL
PORTO

PORTO

OFICINAS DE FOTOLITOGRAFIA
— INSTALAÇÃO UNICA NO PAIZ —
LITOGRAFIA - TIPOGRAFIA - TIMBROGRAVURA
IMPRESSÃO E CONSTRUÇÃO SOBRE
FOLHA DE FLANDRES

5 GRANDES PREMIOS
6 ALTAS RECOMPENSAS
EM VARIAS EXPOSIÇÕES
NACIONAES E ESTRAN-
GEIRAS

DELEGAÇÃO EM LISBOA: R. DOS CORREIROS, 29-2.º
TELEF. 25624 — TELEG. LITOCIONAL

AGENCIAS EM:
FUNCHAL, COVILHÃ, LOURENÇO MARQUES, LOANDA

SICMA

Sociedade Industrial de Conservas Matozinhos, Ltd.

**Sicma
Selva**

Marques Deposées



**Taby
Britania**

ADRESSE:

S I C M A

MATOZINHOS - Portugal

Agent

Bourdeaux



Adresse

CONTINENTAL

Sociedade de Conservas Ltd.

MATOZINHOS

PORTUGAL

50, RUE DE LALANDE, 50

Jean Rouyre

Bordallo & C.^a, L.^{da}

(IMPORT. EXPORT.)

378, R. do Almada, 386

PORTO

Te lef. P.B. X.

4480

Telegrama

Bordallita

Chaves para abrir latas

Fôlha de Flandres

Estanho

Chumbo

Azeite

Arames

Arcos

Outros artigos

Gomes da Costa

MAISON FONDÉE EN 1908

SETUBAL

IMPORT ET EXPORT

SARDINES ET CHINCHARDS

A L'HUILE

ET A LA TOMATE

HUILE DE POISSON

MARQUE DEPOSÉE

"La Belle Egyptienn"

Codes Used:



A BC. 5 th Ed.
Bentley's
A Z Française
And. Private.

Telegrams

GOMES COSTA
Setubal

Telephone 20

António da Silva Roque, Suc.^{res}

Séde:

Buarcos—FIGUEIRA DA FOZ



Sardinhas

"MONUMENTO"



Sardinhas
em
Salmoura

Anchovas
em
Salmoura

Sardinhas
Prensadas

FABRICAS BUARCOS E ERICEIRA



Conservas
LOPES, COELHO DIAS
MATOSINHOS - PORTUGAL

Ramirez, Perez, Cumbreira & C.ª

Sede: _____

Vila Real de Santo Antonio

Sucursais: _____

Olhão, Portimão e Setubal

Litografias e manufactura de lata vazia em todos os formatos para
Fábricas de Conservas

Lata vazia braca sempre em stock

Chaves para abrir latas de conservas

Representantes no Norte:

TELEFONE, 4480

BORDALLO & C.ª, L.ª

378, RUA DO ALMADA, 386

PORTO

ARMAZEM DE RETEM EM MATOZINHOS

Oliveira Dixo, Irmãos, L.^{da}, Sucr.

Folha de Flandres
e materiais para conservas.
Azeites
e chapas para esmaltagem.



Escritório:
RUA DE TRAZ, 62-1.º
PORTO

TELEFONE: 5975
GRAMAS: DIXOS

CÓDIGOS ABC 5 E.
RIBEIRO

Telef.: AMORAS — Porto
Código RIBEIRO

TELEFONES Estado 9
Expediente 228 e 1605
Filial: Leixões 12 M.

A. J. Gonçalves de Moraes, L.^{da}

TRANSITÁRIOS E AGENTES DE NAVEGAÇÃO
CASA FUNDADA EM 1894

EXPEDIÇÕES
COMISSÕES
CONSIGNAÇÕES
DESPACHOS, ETC.

SEDE:
Rua da Nova Alfandega, 18
PORTO

Transportes marítimos e fluviais

FILIAL:
Rua Carvalho Araújo, 1
LEIXÕES

Conserves alimentaires et huile d'olives

BRANDÃO & Cia., Lda.

Siège à OVAR

Usines à
OVAR
FURADOURO et
MATOZINHOS
(Portugal)

Sardines à l'huile, à l'huile d'olives pure, à la
tomate, aux achards, au citron, aux pickles, sans
arêtes, etc., sous les marques déposées:

Brandão, Favorita, Doméstica, Lusitanas, Modesta,
Familiar, Simpática, Varina, Ninita,
Elrei, Lili, S. O. S. et «33»

Adresse télégraphique **VARINA** } **OVAR**
Téléphone—33

Représentant à Paris: **A. de CASTRO LANÇA**
187, Boulevard Brune (14.º)

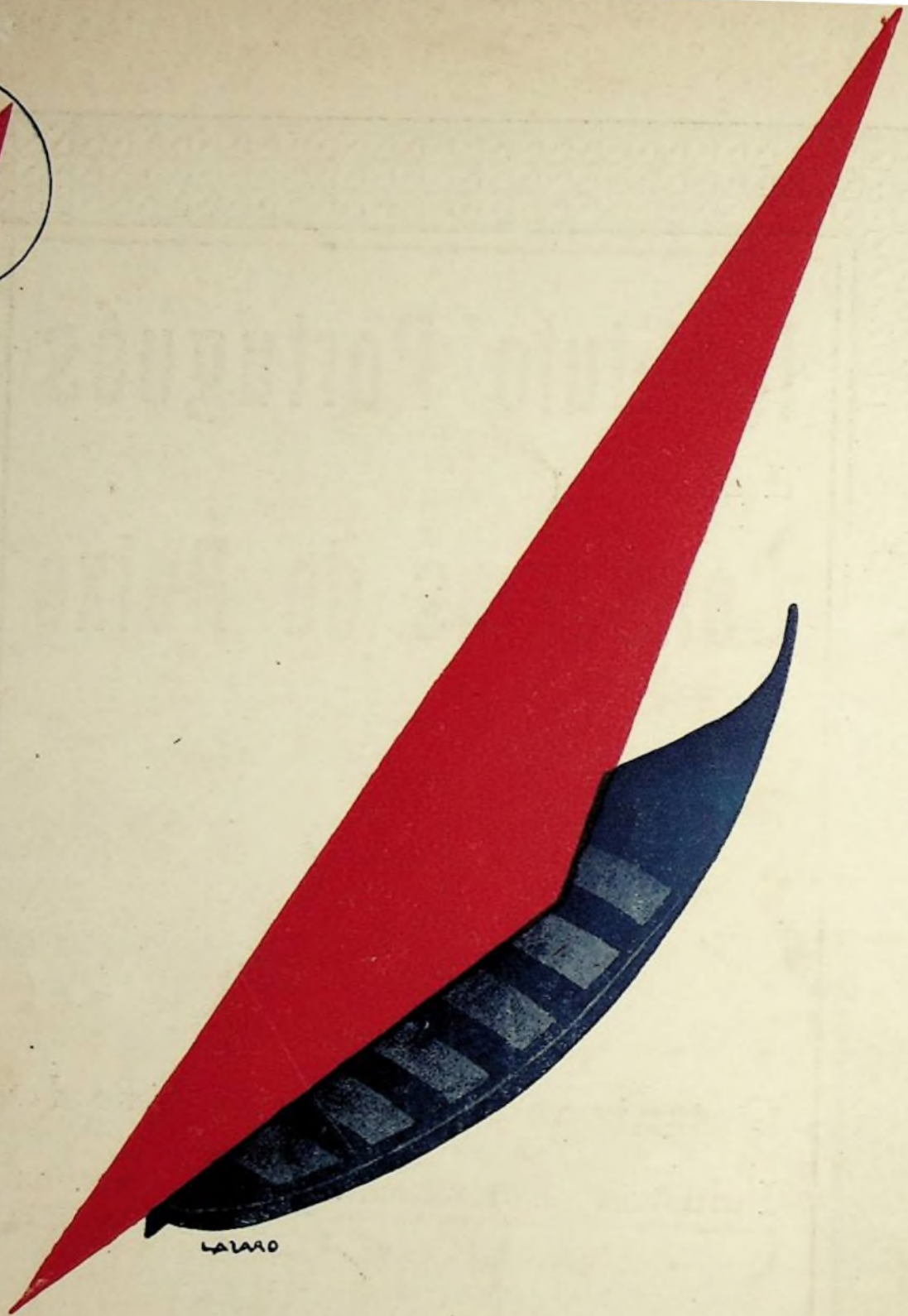
Instituto Português
de
Conservas de Peixe



Organismo superior directivo da
Industria Portuguesa de Conservas

76 —————
AVENIDA 24 DE JULHO

LISBOA
PORTUGAL



6 MARQUES PRINCIPALES

N I C E
N I C E T T E
C I N E
F L O R A
C O R A L
T R I A D E

ALGARVE EXPORTADOR, L.^{DA}

L I S B O N N E - P O R T U G A L

S A R D I N E S P O R T U G A I S E S



5 GRANDES USINES A:

L I S B O N N E
S E T U B A L
L A G O S
P E N I C H E
N A Z A R E T H